



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM MUSEOLOGIA**

CLÁUDIA PATRÍCIA DE OLIVEIRA

**ANÁLISE DO PROCESSO DE DOAÇÃO DA COLEÇÃO DE GEMAS E JOIAS PARA O
MUSEU DE GEOCIÊNCIAS (MGeo-UnB) E SUA RESSIGNIFICAÇÃO (2006 – 2016)**

**BRASÍLIA/DF
2017**



FOLHA DE APROVAÇÃO

Análise de processo de doação da coleção de gemas e joias para o Museu de Geociências (MGeo-UnB) e sua ressignificação (2006-2016)

Aluno: Cláudia Patrícia de Oliveira

Monografia submetida ao corpo docente do Curso de Graduação em Museologia, da Faculdade de Ciência da Informação da Universidade de Brasília – UnB, como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de Bacharelado em Museologia.

Banca Examinadora:

Aprovada por:

Andréa Fernandes Considera – Orientadora
Professora da Universidade de Brasília (UnB)
Doutora em História - UnB

Ana Lúcia de Abreu Gomes – Membro
Professora da Universidade de Brasília (UnB)
Doutora em História - UnB

Paola Ferreira Barbosa - Membro
Professora da Universidade de Brasília (UnB)
Doutora em Geologia - UFOP

Brasília-DF, 27 de julho de 2017.

**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM MUSEOLOGIA**

CLÁUDIA PATRÍCIA DE OLIVEIRA

**ANÁLISE DO PROCESSO DE DOAÇÃO DA COLEÇÃO DE GEMAS E JOIAS PARA O
MUSEU DE GEOCIÊNCIAS (MGeo-UnB) E SUA RESSIGNIFICAÇÃO (2006 – 2016).**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de
Ciência da Informação como requisito à obtenção do diploma do
Curso de Graduação em Museologia.

Orientadora: Prof.^a Dra. Andrea Fernandes Considera

BRASÍLIA/DF
2017

DEDICATÓRIA

DEDICO ESSE TRABALHO A DEUS.

AGRADECIMENTOS

Meu maior agradecimento é a Deus por essa grande conquista, porque a caminhada foi longa, muitas vezes desgastante, pensava que minhas forças tinham acabado mas Deus sempre foi e é meu porto seguro, sendo ele quem me guiou, orientou e protegeu nessa estrada. Hoje posso sentir o sabor da vitória, sabendo que vale a pena lutar e confiar em Deus, pois, se assim fizer, sempre serei vencedora. A Ele toda honra, glória e adoração.

Agradeço aos meus pais Justino e Flávia por me ensinarem os princípios de Deus, por renunciarem a tantas coisas para que eu pudesse ter melhores condições de vida, por serem meus melhores amigos, pela paciência, pelo imenso amor e por serem exemplos de vida.

Agradeço à minha irmã Raquel por ser tão linda, amável, amiga e pela inspiração de perseverança e bondade.

Agradeço ao meu cunhado Diolando por ser tão cuidadoso e amigo.

Agradeço à Professora Andrea pela sugestão do tema dessa pesquisa, por ter aceitado me orientar, pela imensa paciência, por nunca demonstrar desconfiança e pelos sábios ensinamentos.

Agradeço às Professoras Ana Abreu, Marijara Queiroz e Paola Barbosa pela contribuição nessa monografia, pelos ensinamentos e por terem aceitado compor a banca de defesa do presente trabalho.

Agradeço à professora Elizângela Carrijo por ter me ensinado sobre o maravilhoso e árduo universo da academia e também pelos conselhos.

Agradeço à Dermeval do Carmo, Maria Julia Estefânia Chelini e Luís Afonso Bermúdez, e a todos os profissionais entrevistados por demonstrarem imensa sinceridade e confiança, durante as entrevistas.

Agradeço à Paola Barbosa por todo auxílio e atenção dedicados a mim durante a pesquisa.

Agradeço aos amigos da Igreja que, nos momentos mais difíceis, demonstraram o significado da amizade verdadeira por meio do carinho, do consolo e das orações.

Agradeço aos meus amigos por sempre serem tão divertidos, por contarem tantas histórias e por sempre acreditarem no meu potencial.

Obrigada a todos que contribuíram direta ou indiretamente, agradeço de coração, é muito bom ter pessoas maravilhosas como vocês ao meu lado. Enfim... Obrigada a todos!

“O prazer que um objeto nos dá não se encontra no objeto em si mesmo. A fantasia embeleza-o, cingindo-o e quase projeta nele imagens que nos são queridas. Nem nós o percebemos já tal qual como ele é, mas quase animado pelas imagens que suscita em nós ou que os nossos hábitos lhe associam. No objeto, em suma, nós amamos aquilo que nele projetamos de nosso”.

Luigi Pirandello.

RESUMO

Este trabalho apresenta uma reflexão teórica sobre o colecionismo e as políticas de aquisição, verificando a relação entre coleções e as formas de adquiri-las. Dessa maneira, investiga o sentido do ato de colecionar e, respectivamente, suas origens e desenvolvimento. O objetivo é analisar o processo de incorporação da coleção de Gemas e Joias para o Museu de Geociências (MGeo-UnB) e investigar como ocorre a ressignificação das fronteiras a partir desse acervo. O interesse em pesquisar a incorporação da coleção de gemas que hoje integra o acervo do MGeo-UnB, ocorreu devido à necessidade de ampliar a discussão sobre os processos de doações de coleções feitas para museus por outras instituições. Em vista do exposto, esta pesquisa tem valor para o campo Museológico, pois debate a importância de estabelecer um diálogo sobre os processos incorporações de coleções feitas para museus por outras instituições. Na abordagem metodológica, foi utilizado o método qualitativo, pois objetiva, por meio de observações e fontes documentais, realizar um estudo sobre o processo de doação da coleção de Gemas e Joias para o MGeo- UnB. Realizando-se para isso um método de investigação mais interpretativo dentro de uma análise descritiva.

Palavra-Chave: Gestão de Coleções, Aquisição, Ressignificação e Incorporação.

ABSTRACT

This paper presents a theoretical reflection on collecting and purchasing policies, in which it verifies the relationship between collections and the ways of acquiring them. In this way, it investigates the meaning of the act of collecting and its respective origins and development. The objective is to analyze the process of incorporating the Gems and Jewelry collection into the Museum of Geosciences (MGeo-UnB) and investigate how it happens to the re-signification of this collection's perimeters. The interest in researching the incorporation of the gem collection, that now, integrates the MGeo-UnB's collection, occurred due to the need to broaden the discussion about the collections' donation processes made to museums by other institutions. Therefore, this research adds value for the Museological field, as it debates the importance of establishing a dialogue on the collections' incorporation processes made for museums by other institutions. As for methodological approach, the qualitative method was used, because it is objective to, through observations and documentary sources, carry out a study on of the MGeo-UnB Gems and Jewels collection' donation process. A more interpretative method of investigation is carried out within a descriptive analysis.

Keyword: Collection Management, Acquisition, Renegification and Incorporation.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABNT - Associação Brasileira de Normas e Técnicas

Abragem- Associação Brasileira de Gemas e Joias

AJO/DF- Associação dos Joalheiros do Distrito Federal

CDT/UnB - Desenvolvimento Tecnológico

Coopregemas - Cooperativa de Gemas do DF

FCI/UnB- Faculdade de Ciência da Informação da Universidade de Brasília

FUB- Fundação Universidade de Brasília

IBGM- Instituto Brasileiro de Gemas e Metais Preciosos

Ibram- Instituto Brasileiro de Museus

ICC Sul – UnB - Instituto Central de Ciências

Icom - *Internacional Council of Museums*

IdAUnB - Instituto de Artes

IG- Instituto de Geociências

Mgeo- UnB - Museu de Geociências

MNG- Museu Nacional de Gemas

OGU - Orçamento Geral da União

Sebrae-DF - Serviço Brasileiro de apoio às Micro e Pequenas Empresas

UnB - Universidade de Brasília

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Coleção de Gemas do Mgeo.....	39
Figura 2- Meteorito de ferro e níquel (Fe,Ni).....	40
Figura 3- Acervo mineralógico do Mgeo.....	41

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1 – Documentos a serem gerados no museu quando da incorporação de objetos.....	31
Quadro 2- Cronograma das ações a serem desenvolvidas durante o processo de incorporação.....	49

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	13
CAPÍTULO 1- CONCEITOS DE COLEÇÃO E POLÍTICAS DE AQUISIÇÃO.	17
1.1 Coleção - conceitos e definições:.....	17
1.1.1 Breve Histórico : Colecionismo	18
1.2 Políticas de Aquisição.....	28
CAPÍTULO 2 - ANÁLISE DA PROPOSTA DA INCORPORAÇÃO DA COLEÇÃO DE GEMAS DO MUSEU DE GEMAS (MNG) PARA O MUSEUS DE GEOCIÊNCIAS (MGEO-UNB).....	35
2.1 Museu Nacional de Gemas - MNG.	37
2.1.1 A Instituição.....	37
2.1.2 O Acervo.....	37
2.1.3 O público.....	38
2.1.5 Os laboratório.....	38
2.2 Museu de Geociências- Mgeo.	39
2.2.1 A Instituição.....	39
2.2.2 Estrutura do Museu.....	40
2.2.3 O acervo.	41
2.2.4 Reserva técnica	42
2.2.5 Público.....	42
2.3 O Processo de Transferência da Coleção de Gemas e Joias.....	42
CAPÍTULO 3- RESSIGNIFICAÇÃO DO PROCESSO DE INCORPORAÇÃO COLEÇÃO DE GEMAS DO MUSEU NACIONAL DE GEMAS (MNG) PARA O MUSEU DE GEOCIÊNCIAS (MGEO-UNB).....	51
3.1 A ressignificação das fronteiras do acervo de Gemas e Jóias.....	51
CONSIDERAÇÕES FINAIS	61
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	63
ANEXOS.....	67

INTRODUÇÃO

O presente trabalho é resultado do amadurecimento de uma reflexão sobre os processos de doação de coleções. O interesse nesse estudo surgiu por meio de várias visitas às reservas técnicas nos mais diversos museus de Brasília, que foram feitas ao longo dos últimos quatro anos referentes à minha graduação no curso de Museologia. Essas visitas incitaram em mim diversas interrogações sobre o tema, principalmente acerca do processo de documentação, arquivamento e ressignificação de uma coleção a partir do momento em que ela passa a integrar o acervo de um museu.

Colecionar é muito mais do que um hábito simples e individual. É uma das raízes empíricas que construíram o mundo contemporâneo (Souza, 2009). Um olhar muito rápido voltado para a documentação da história do Ocidente pode mostrar que a ideia de colecionar plantas está na base da história da botânica; que a coleção e a conservação de animais estão na base da biologia; que a de insetos está na base da entomologia (Beltrão, 2003; Janeira, 2006); e assim por diante, até que surge o chamado mundo moderno, por volta do século XVII (Carlan & Funari, 2010).

A presente pesquisa tem a proposta de analisar a doação de coleções feitas para museus. Circunscrevendo mais especificamente o objeto que pretendo pesquisar, destaco o processo de incorporação da coleção do Museu Nacional de Gemas (MNG) pelo Museu de Geociências (MGeo-UnB) e a sua ressignificação, em 2006.

O interesse em pesquisar a doação da coleção de gemas que hoje integra o acervo do MGeo-UnB, ocorreu devido à necessidade de ampliar a discussão sobre os processos de doações de coleções feitas para museus por outras instituições. Acredito que o tema propicie questões sobre como são ressignificadas as fronteiras entre o público/privado por meio da circulação e biografia dos objetos dessas doações.

Desde 2006, as equipes do Museu de Geociências (MGeo-UnB), do Centro de Apoio ao Desenvolvimento Tecnológico e do Lab. Joias do Instituto de Artes

(IdAUnB) foram contatadas pela Diretoria do Sebrae-DF para analisar e avaliar a possibilidade de integrar o Museu de Gemas e Joias à Universidade de Brasília. Após uma ampla discussão entre as três instituições e depois de diversos entraves, uma proposta final foi elaborada e aprovada pelas quatro instituições envolvidas no processo. Somente em 2012, ocorreu a formalização da doação e incorporação da coleção à Universidade de Brasília. Nos dias atuais, o acervo está sob a guarda do Museu de Geociências da Universidade de Brasília (MGeo-UnB).

O MGeo-UnB foi criado em 1965 e está localizado no Campus Darcy Ribeiro da UnB. Seu acervo hoje compreende mais de cinco mil peças que incluem rochas, minerais, fósseis e meteoritos (parte que é utilizada apenas por pesquisadores e alunos da UnB). O museu também tem em seu acervo a coleção de Gemas e Joias que foram doadas pelo MNG. A coleção, antes da transferência, era formada por pedras brutas, mas, após a incorporação do acervo ao MGeo- UnB, algumas delas foram lapidadas e transformadas em joias. Hoje essas peças fazem parte do acervo do MGeo- UnB e algumas delas estão expostas no museu.

Desta forma, o recorte temporal da pesquisa se inicia no ano 2006, ano em que o MNG e o MGeo- UnB começam as tratativas para a incorporação da coleção de um museu para o outro. O recorte final será 2016, tempo em que foi feita a pesquisa, pois desejo avaliar a ressignificação do acervo após a doação.

Objetivo geral desta pesquisa é analisar o processo de incorporação da coleção de Gemas e Joias para o Museu de Geociências (MGeo-UnB) e investigar como ocorre a ressignificação das fronteiras a partir desse acervo.

O eixo curricular do curso de graduação em Museologia da Faculdade de Ciência da Informação da Universidade de Brasília (FCI/UnB) no qual o tema desta pesquisa está inserido é o Eixo 1 – Teoria e Prática Museológica que focaliza a formação específica compreendendo disciplinas de conteúdos teóricos e práticos voltados para a Museologia, a Teoria Museológica, a Pesquisa Museológica e a Museografia. No caso desta pesquisa, por trabalhar diretamente com informação e documentação museológica, as contribuições e resultados desse trabalho são de suma importância para o desenvolvimento da Gestão de Museus, uma vez que visa qualificar a discussão sobre a doação de acervos entre instituições.

Em vista do exposto, esta pesquisa tem valor para o campo Museológico, na medida em que debate a importância de estabelecer um diálogo sobre os processos de doações de coleções feitas para museus por outras instituições. Seu valor se amplia se considerarmos que a intenção desta análise é qualificar o discurso sobre a doação de acervos entre instituições e discutir como esses acervos passam por diversas ressignificações.

A pesquisa se constrói com base na metodologia qualitativa, pois objetiva, por meio de observações e fontes documentais, realizar um estudo sobre o processo de doação da coleção de Gemas e Joias para o MGeo- UnB .Necessita-se para isso de um método de investigação mais interpretativo dentro de uma análise descritiva, por meio de entrevistas e análise de dados em uma síntese narrativa.

Em relação aos procedimentos de análise dos dados coletados, iniciou com a interpretação dos dados e informações obtidos a partir da pesquisa bibliográfica e da aplicação do estudo de campo, por meio da pesquisa documental e da entrevistas.

Além das entrevistas, as informações específicas das instituições e coleções aqui estudadas foram obtidas, principalmente por meio da documentação e de questionários.

Devido à proposta do presente trabalho, constatou-se a necessidade de uma adaptação mais específica desse questionário. Por isso, foram acrescentadas perguntas subjetivas, as quais foram utilizadas como roteiro de entrevista. Os questionários foram fundamentais para o aprofundamento das informações encontradas durante essa pesquisa.

O trabalho está estruturado em três capítulos. No capítulo 1 apresentaremos os conceitos de Coleção e Políticas de Aquisição, e faremos um breve contexto histórico da origem e formação da coleção de Joias do Museu Nacional de Gemas (MNG). Em seguida, no item 1.3, apresentamos um breve histórico sobre o Museu de Geociências da Universidade de Brasília (MGeo- UnB) e seu acervo. No item 1.4 apresentaremos um breve histórico sobre o Museu Nacional de Gemas (MNG) e analisaremos sua relação com a coleção. No capítulo 2, elaboraremos um breve

contexto histórico da origem e formação da coleção de Joias do Museu Nacional de Gemas (MNG). Em seguida, no item 2.1 apresentamos um breve histórico sobre o Museu Nacional de Gemas (MNG) e seu acervo. No item 2.2, apresentaremos um breve histórico sobre Museu de Geociências da Universidade de Brasília (MGeo-UnB) e seu acervo, e analisaremos suas relações com a coleção. No item 2.3, será discutido e analisado o processo de incorporação da coleção de gemas do Museu Nacional de Gemas (MNG) pelo Museu de Geociências (MGeo-UnB). Serão avaliados todos os aspectos dessa transição, tanto os positivos quanto os negativos, a partir das análises de documentações e entrevistas. No capítulo 3, tentaremos entender como ocorrem as ressignificações do acervo a partir da mudança do Museu Nacional de Gemas (MNG) para o Museu de Geociências (MGeo-UnB).

A partir do exposto, acreditamos que este trabalho será importante para a área de Museologia, pois mostra o cuidado e o detalhamento de um planejamento de transferência de todo um acervo de uma instituição para outra. Esperamos que este trabalho possa contribuir para reflexões na área, no intuito de obterem-se cada vez mais exemplos de doação e incorporação de acervos.

Dessa forma, primeiro foi necessário um levantamento do que compõe a documentação institucional para então selecionar o que pudesse fornecer informações referentes à composição do acervo e, de forma mais específica, aos processos de aquisição da instituição.

É imprescindível expor que durante a pesquisa surgiu a seguinte problemática, para a Museologia a aquisição de doação da coleção de Gemas e Minerais do MNG para o MGeo-UnB é entendido como uma transferência de acervos. Mas ao aprofundar a pesquisa nos documentos do processo percebemos que o mesmo foi tratado como uma incorporação e que em alguns documentos o mesmo processo é entendido como uma doação, segundo os entrevistado a nomenclatura correta seria incorporação. Nesta análise quando se refere aos documentos do processo a nomenclatura utilizada será incorporação, com exceção dos documentos que fazem referências a doação.

CAPÍTULO 1- CONCEITOS DE COLEÇÃO E POLÍTICAS DE AQUISIÇÃO.

O colecionismo, do ponto de vista da relação entre uma pessoa e certos objetos, pode ser compreendido como ação especial, marcada pelo vínculo entre o indivíduo e o social. O colecionismo implica estudos e pesquisas dos fenômenos sociais que transcendem a aparência imediata e poderá ser analisado como atividade humana. Também é considerado como uma das formas de reconhecimento e de interatividade do sujeito no mundo.

O ato de colecionar vem desde os primórdios da humanidade, sendo uma característica inerente aos seres humanos. As coleções se diferenciam por meio de uma exteriorização¹ dos objetos colecionáveis que resguardam e conservam histórias particulares e afetividades, que se misturam com a biografia dos colecionadores. Elas constroem identidades e geram memórias dos ciclos vividos pelos colecionadores.

1.1 Coleção - conceitos e definições:

O colecionismo é um fenômeno na história da humanidade que teve seu início a partir de duas das qualidades mais profundas da personalidade humana: a curiosidade e a necessidade de organizar o cosmos. Essa característica está ligada à capacidade natural e inata² de aprimoramento enquanto indivíduo, que está atrelado à exploração, à investigação e ao aprendizado. Esses elementos despertam no ser humano um instinto de explorador. A curiosidade faz com que o universo ao redor de cada indivíduo se amplie.

A ampliação desse universo acontece quando o ser humano estabelece contato com algo até então desconhecido. A curiosidade está ligada à figura do colecionador, que no princípio coletava tudo que estava a sua volta. Essa coleta envolvia dois grupos: os elementos naturais do cotidiano dos homens e os elementos que a eles eram estranhos e desconhecidos. É muito difícil tentar traçar

¹ Fazer com que se torne público; tornar manifesto e conhecido; trazer para o exterior; manifestar-se: exteriorizada as frustrações e alegrias.

² Segundo Platão o Inatismo é uma ideologia filosófica que acredita ser o conhecimento de um indivíduo uma característica inata, ou seja, que nasce com ele. Cadernos Espinosanos .São Paulo n.35 jul-dez 2016.

as origens do colecionismo, já que o homem coleciona desde o Paleolítico (SOUZA, 2009: 01). A coleção reflete o mundo em volta de quem a constrói, e com o tempo se perpetua e transforma a vida de todos que estão ao redor o que concede ao colecionador o sentido de perpetuação de sua história por meio de cada objeto coletado.

[...] a relação profunda entre o Homem, sujeito que conhece, e o Objeto, parte da Realidade à qual o Homem também pertence e sobre a qual tem o poder de agir, relação esta que se processa num cenário institucionalizado, o museu (GUARNIERI, 1990, p.7).

As coleções dos museus, na grande maioria das vezes, se formam por intermédio de doações provenientes de pessoas que colecionam ao longo da vida. Por meio da coleção é percebido o caráter de resumo da experiência coletiva apesar de ser uma prática que é constituída por um único responsável.

1.1.1 Breve Histórico : Colecionismo

Esse fenômeno de coletar deu início ao processo de formação de coleções que, por sua vez, está ligado à história dos museus. Desde o princípio, os homens já demonstravam certa preocupação com a separação dos objetos a partir de sua utilidade e funcionalidade. O ato de colecionar está ligado às experiências exteriores dos indivíduos e, ao colecionar, cada indivíduo exterioriza singularmente suas experiências obtidas por meio de seus sentidos de permanência, a partir dos objetos de uma coleção. (Souza, 2009, p.2).

O colecionismo, do ponto de vista da relação entre uma pessoa e certos objetos, pode ser entendido como uma ação única, marcada pela junção entre o indivíduo e o social. O colecionismo implica em estudos e pesquisas sobre os fenômenos sociais que transcendem a aparência imediata e pode ser analisado como atividade humana. Isso porque é visto como uma das formas de reconhecimento e de interatividade do sujeito no mundo.

De certo modo, entende-se o colecionismo como coletar, reunir e compor acervos ou arranjar peças consideradas de cunho memorialistas, com traços fetichistas, com propriedades históricas e artísticas, num determinado espaço e tempo. (ESPIRITO SANTO, 2004, p. 24)

Além dessa consideração, é instigante considerar que é com o colecionador que se encontram as questões profundas referentes ao campo do indivíduo e do coletivo, na construção da representação social. Frente à complexidade das ações colecionistas — inerentes ao desejo, à posse, ao poder, à negociação, associadas à ordem e ao arranjo nos lugares da organização dos objetos — são verificados elementos ocultáveis pelo ato de arranjar os objetos “antigos” e aproximar tais objetos da retórica do passado.

Para os colecionadores, a coleção não é um mero amontoado de objetos iguais. Cada um conta uma história e possui um significado próprio por si. Uma vez que o objeto integra uma coleção, ele passa a ter outras significações, de acordo com o colecionador (Bianchi, 1997; Ribeiro, 2005; Lopes, 2010). Nesse momento, o objeto passa por um entrelaçamento com o mundo do colecionador.

Segundo as explicações lexicográficas da língua portuguesa e da língua inglesa, as palavras “coleccionar-coleccionismo-*collecting*” recebem conotações muito diferenciadas. Se para uma língua há significado originário do processo - *collection* - para a outra há outro sentido produto/coleção - menos favorecido para compreender um processo ou ação individual ou coletiva. Verifica-se que a língua portuguesa determina para o substantivo feminino primitivo “coleção”, derivado do latim, o sufixo nominal “ismo”, para que o termo colecionismo receba o sentido denotativo de continuidade da ação e fenômeno (Ferreira, 2007). O gerúndio do verbo coleccionar (coleccionando) adquire o sentido de continuidade do fazer. Se empregado no participípio (coleccionado) entende-se como “coisa em si”, como finalização de um processo iniciado do ato de coleccionar.

Segundo Burcaw (1997), as coleções de museu podem ser definidas como:

Os objetos coletados por essa instituição, que em função de seu reconhecido valor de referência, ou por sua importância estética, ou educativa são adquiridos e preservados.

O indivíduo colecionista, na qualidade de agenciador, objetiva racionalizar as ações, infere suas concepções, valores e práticas a partir das questões sociais evidentes no processo de coleccionar.

A coleção é um ato bem seletivo, cujos objetivos estão interligados a um motivo ou a uma escolha. Nas coleções, situações sociais e relações de circulação e consumo contribuem para o colecionar o qual assume significados e funções diferentes.

As coleções têm um papel de transmissão de memória, conhecimento e saberes. Segundo Pomian (1997), uma coleção é:

[...] qualquer conjunto de objetos mantidos temporária ou definitivamente fora do circuito das atividades econômicas sujeitas a uma proteção especial num local fechado preparado para este fim e exposta ao olhar..

Walter Benjamin (1892-1940), filósofo reconhecido como um dos mais notáveis intelectuais alemães, em “Obras das Passagens” (Benjamin, 1999, p.12), aplica os conceitos coleção/coleccionismo, abordados e compreendidos como o objeto no museu e na “organicidade” da coleção, em que foram desprendidos de suas funções do contexto de pertencimento original.

Para exemplificar esse processo, tomamos qualquer objeto que teve a sua origem na escala industrial e, depois de funcionar no tempo e no espaço, rompeu definitivamente com o uso original. O destino inicial determinado pela fabricação, como o de circular no mercado, depois ser apropriado e consumido, agora foi substituído pela função de documentar e passar a integrar uma coleção, privada ou pública. (Forty, 2007). Neste sentido, o colecionismo foi entendido como resultado das ações de desejos vigorosos, intermitentes ou pouco contínuos no tempo e no território físico.

Na Antiguidade Clássica, observamos que os primórdios das grandes coleções se exemplificam nas sociedades egípcia, mesopotâmica, grega e romana, normalmente associadas com espólios de guerra.

Os gregos se tornaram um referencial para a história das coleções, no que se refere à valorização da prática colecionista por essa cultura. Eles eram admiradores das artes, tendo seu maior exemplo na coleção de esculturas e pinturas formada por Átalo I, exposta na Acrópole de Pérgamo³. Além disso, existiam os santuários dos

³ “O colecionismo Ilustrado na Gênese dos Museus Contemporâneos” de Cícero Antônio Fonseca de Almeida.

templos dedicados às musas (*Mouséion*), que recebiam doações, ex-votos e oferendas, ou seja, tesouros. Também é um *Mouséion* o colégio de filósofos em Alexandria, que continha o que hoje para nós seria um museu, uma universidade, a conhecida biblioteca de Alexandria e jardins zoológico e botânico (GIRAUDY e BOUILHET, 1990, p.19).

Na Grécia da Antiguidade Clássica, temos um dos marcos mais importantes na história do colecionismo e dos museus. Pois a palavra Museu⁴ vem do grego antigo “*Mouséions*” que significa “santuário dos templos dedicados às musas, que recebem doações, ex-votos, oferendas...” (GIRAUDY & BOUILHET, 1990, p.19). Esse termo surge no Palácio de Alexandria na Grécia Helenística (século IV a.C), ele era considerado na época o templo do saber. *Mouseion* também era o nome de um templo situado na cidade de Atenas, em homenagem às nove musas filhas de Zeus com Minemózyne.

Os romanos também realizavam as práticas de colecionar e expor, não só para demonstrar riqueza e curiosidades, mas também para deixar bem claro seu poder de dominação (ALMEIDA, 2001, p.127). Nota-se que foi por meio dos saques de Siracusa (212 a.C) e de Corinto (146 a.C), que os romanos começaram a desenvolver o costume de colecionar a partir dos objetos saqueados frutos de pilhagens⁵.

Na Idade Média, as coleções foram mudando e se ampliando. Elas eram formadas por livros, relíquias, objetos sagrados e tesouros, e eram mantidas nas igrejas. Durante o Renascimento, surgiram coleções privadas — denominadas por coleções reais e principescas — como forma de demonstração de requinte e símbolo de poder econômico das famílias principescas, servindo como verdadeiro termômetro das rivalidades entre elas. O colecionismo tornou-se moda em toda a Europa. Poucas pessoas tinham acesso às coleções religiosas e principescas, mas esse monopólio muda no fim da Idade Média. Nas coleções principescas não havia

⁴ Segundo a definição de 2001 do Conselho Internacional de Museus (ICOM), trata-se de uma "Instituição permanente, sem fins lucrativos, a serviço da sociedade e do seu desenvolvimento, aberta ao público e que adquire, conserva, investiga, difunde e expõe os testemunhos materiais do homem e de seu entorno, para educação e deleite da sociedade." Definição extraída do site <<http://www.museus.gov.br/museu/>> conteúdo acessado em 29.11.2016.

⁵ Pilhagem, substantivo feminino. Roubo, saque, principalmente feito por tropas conquistadoras. Jur roubo ou espoliação praticada por um grupo de pessoas.

uma preocupação com a seleção ou quantidades de peças em uma coleção, a única preocupação era de possuir o belo e o precioso, isso contribuía com o aumento do poder e da influencia de cada um.(BLOM, 2003).

A partir do século XVII, surgem as coleções científicas, que foram formadas com o propósito de se buscar o conhecimento. Percebemos então uma distinção:

As coleções que, para os membros do meio intelectual e artístico, são instrumentos de trabalho e símbolos de pertença social, são para os detentores do poder insígnias da sua superioridade (POMIAN, 1997, p. 79).

O Renascimento foi um período da história marcado pelo advento do Humanismo, que contribuiu com as grandes transformações que ocorreram no mundo ocidental, sendo a cultura desenvolvida e fundamentada nas regras racionalistas e científicas que retomam as características da Antiguidade. Nesse período, houve o desenvolvimento das cidades-estados e das grandes descobertas geográficas, científicas e tecnológicas (MATTOS; MATTOS, 2010, p. 27). As coleções eram constituídas pelas obras de grandes artistas renomados da época. Existiam também, as coleções formadas por estudiosos que colecionavam para o seu próprio deleite, e que muitas vezes emprestavam para professores utilizarem em aulas nas universidades europeias. (SUANO, 1986).

De maneira geral, são essas grandes coleções principescas e reais do Renascimento que vão dar origem à instituição 'museu' que conhecemos hoje. A ampliação do acesso a tais coleções – normalmente restrito apenas às famílias e amigos do colecionador – foi lentíssima e motivada por razões várias. (SUANO, 1986, p. 21).

Foi nesse contexto histórico que surgiram então os Gabinetes de Curiosidades que tinham um caráter enciclopédico (SUANO 1986) e eram espaços que reuniam diversos objetos, desde espécimes de fauna e flora até obras consideradas exóticas e raras. No auge no Iluminismo, a prática colecionista sofreu algumas alterações, passando a incorporar sistemas científicos e especializados. Nesse momento, a curiosidade foi superada pelo conhecimento histórico e científico. Esses lugares eram considerados lugares de memória.

[...] como lugares de memória por excelência, não uma simples memória encicpedista, mas uma memória que amplia a sensação

de poder, de conhecimento, de pertencimento. (POSSAS, 2005: 151).

Em sua perspectiva, Pierre Nora entende que os lugares de memória surgem a partir do instante em que a memória transcende os resultados de certa organização voluntária, intencional e seletiva⁶.

Menos a memória é vivida do interior, mais ela tem necessidade de suportes exteriores e de referências tangíveis de uma existência que só vive através delas. (NORA, 1993, p. 14).

A partir desse momento, nasce o sentimento de que não existe uma memória espontânea. Daí a necessidade de se acumular alguns documentos, vestígios ou testemunhos sobre o passado, que pudessem ser utilizados como provas ou registros dos acontecimentos. Organizações como arquivos, bibliotecas e museus surgiram com a finalidade de protegerem essa memória que deixou de ser coletiva para se tornar única e sacralizada.

Segundo GROSSMANN; RAFFAINI; TEIXEIRA COELHO (2004), quando as organizações passam a proteger a memória coletiva, a palavra museu passa a ser ressignificada:

Nesse momento, a palavra museu, no século XV, servia para designar tanto a coleção quanto o prédio que a acolhe, sendo o significado mais próximo àquele que utilizamos nos dias atuais. (GROSSMANN; RAFFAINI; TEIXEIRA COELHO, 2004, p. 270).

É neste contexto que as coleções passaram a se distinguir dentro das instituições. Neste sentido, Suano (1986) defende- que:

É importante distinguir entre o significado de coleções 'abertas ao público' e o verdadeiro sentido de uma instituição a serviço do público. (SUANO, 1986, p. 22).

Foi a partir do final do século XV, que as coleções se tornaram abertas ao público. Com a reforma religiosa, a cultura passou a ser entendida como agente de defesa e de preservação da comunidade cristã, nesse período, foram criados

⁶ A memória é seletiva. Nem tudo fica gravado. Nem tudo fica registrado. A memória é, em parte, herdada, não se refere apenas à vida física da pessoa. A memória também sofre flutuações que são função do momento em que ela é articulada, em que ela está sendo expressa. As preocupações do momento constituem um elemento de estruturação da memória. POLLAK, M. "Memória e Identidade ...", op. cit., p. 4.

bibliotecas e museus, eles eram compostos de diversos materiais e de peças oriundas de missões jesuítas. Desde modo, o “final do século XVII e o começo do século XVIII viram a cristalização da instituição museu em sua função social de expor objetos que documentassem o passado e o presente e celebrassem a ciência e a historiografia oficiais.” (SUANO, 1986, p. 23).

Os Museus de História Natural, segundo Bragança Gil (1988), remontam ao início no século XVI, a partir da revolução cultural.

As origens longínquas dos museus estão associadas ao fenômeno social do colecionismo, sendo os gabinetes renascentistas os marcos fundamentais do que foram os processos de consolidação ao longo dos séculos XVII, XVIII e XIX de alguns dos aspectos básicos do perfil dessas instituições, que se mantém até nossos dias. (LOPES, 1997, p. 12).

Os Gabinetes de Curiosidades, até o século XVIII, dedicavam-se aos estudos de espécimes e de objetos excepcionais que indicavam como se formavam os pequenos círculos de curiosos. De acordo com Kury e Camenietzki (1997):

[...] nas coleções dos séculos XVI, XVII e mesmo do XVIII, naturalia e artificialia conviviam lado a lado na mesma vitrine e por vezes no mesmo objeto, como é o caso das taças, caixas, joias, etc., para as quais os minerais e conchas se prestavam muito bem. (Kury e Camenietzki, 1997, p. 57).

Contudo, esse período que abrange do século XVI ao XIX é definido pela alteração e substituição dos antigos Gabinetes de Curiosidades pelos museus científicos. Essas transformações demonstraram o processamento⁷ na forma de apresentação das coleções. Segundo KURY e CAMENIETZKI (1997, p.58), esse processo gerou mudança de atitude, no que diz respeito à relação com a natureza e no que constitui o fundamento cultural⁸ do colecionismo moderno.

Simultaneamente, durante o século XVII e a primeira metade do XVIII, ocorreu uma sistematização da organização das coleções que passaram a ser manuseadas como suportes de demonstração e de difusão. Existia uma

⁷ “[...]o papel de se apresentar como testemunho de uma realidade estranha e singular” (KURY; CAMENIETZKI, 1997, p. 58).

⁸ O homem é um ser finito que só existe para o tempo em que o sistema o reivindica, o funda e lhe confere um lugar privilegiado. Na era da positividade, às quais os sistemas ligam o destino do homem. Os homens atuais estão esmagados pela cultura e por seus resultados. O Sistema é anônimo, um saber sem sujeito, sem identidade, o homem é rechaçado, ao mesmo tempo, como sujeito e como objeto do sistema.

preocupação com a organização de cada peça do acervo, no que se refere à classificação sistemática, que já estava presente nas coleções de colecionadores amadores, todavia, segundo Valente (1997):

Foi, entretanto, com Lineu, que a integração estudo da coleção/organização do museu se destacou. Em 1735, em função dos objetivos científicos de classificação dos espécimes de história natural, o botânico sueco produz o *Systema Natural*, fornecendo os princípios da moderna classificação e trazendo ordem e entendimento ao mundo natural. (VALENTE, 1995, p.22).

As diretrizes adotadas na exposição das coleções que indicam os diferentes pontos de vista, a respeito da Ciência e da Natureza, que foram assumidas pelos naturalistas e a ideia de ordenação perfeita dos seres, a qual respaldava os museus, pois estava fundamentada na crença da continuidade já que “a natureza não dá saltos”, como defendia, entre outros, Lineu. Essa crença na cadeia dos seres remonta a antiguidade e está presente nas obras de Platão e Aristóteles (KURY;CAMENIETZKI, 1997, p. 59).

A História Natural no século XVIII tem como seu grande marco a obra de Lineu, que diferentemente da classificação aristotélica, propôs uma classificação natural. Já no final do século XVIII, a História Natural tornou-se mais paradigmática. (BUICAN, 1997).

Segundo um comentário de Lacerda⁹, destacado por Lopes (1997), o interesse nas coleções, estava relacionado à seção de Geologia, Mineralogia e Paleontologia. Lacerda diz que o diretor sempre recomendava que as coleções mineralógicas e petrográficas não devessem ser avultadas de espécimes, mas, sim agrupadas de forma a dar-lhes real valor instrutivo. (LOPES, 1997, p. 235).

Para compreensão do papel das coleções e dos objetos nos Museus de História Natural, é importante conhecer aspectos de sua história. Segundo Lopes:

Constituindo um legado incrivelmente centralizado do entusiasmo pela classificação e pelo conhecimento enciclopédico do século XVIII, os museus foram espaços para a articulação do olhar dos

⁹ João Batista de Lacerda- nasceu em 12 de julho de 1846 na cidade de Campos dos Goytacazes, Norte do Estado do Rio de Janeiro. Assim como outros ex-diretores, do Museu Nacional/ UFRJ, formou-se em Medicina. Foi nomeado funcionário do Museu em 1876 e promovido a diretor em 1895, cargo que ocupou até sua morte, vinte anos depois.

naturalistas, transformando-os de gabinetes de curiosidades em instituições de produção e disseminação de conhecimentos, nos moldes que lhes exigiam as concepções científicas vigentes, alterando-se com elas seus objetivos, programas de investigação, métodos de coleta, armazenamento e exposição de coleções. (LOPES, 1997, p. 15).

As coletas são peças chaves para o desenvolvimento dos Museus de História Natural. As exposições e suas preocupações com as ações educativas são fundamentais para informar ao público a importância desse acervo. As coleções de grande parte da história das Ciências Naturais, são relacionadas ao seus contextos locais.

Acredita-se que o *Ashmole Museum*, ligado à Universidade de Oxford, Inglaterra foi o primeiro museu aberto ao público, em 1683 (GROSSMANN; RAFFAINI; TEIXEIRA COELHO, 2004). Mas de início as visitas eram bastante restritas, seu público era formado pela cúpula da Igreja, governantes, artistas, especialistas, estudiosos e estudantes universitários.

Foi a política econômica dos séculos XVI – XVIII que gerou uma política educacional e cultural responsável, em parte, pela ampliação do acesso às grandes coleções. [...] Assim, pouco a pouco, a permissão para visitas às galerias dos palácios, aos ‘gabinetes’, “guardarobas” e mesmo “museus”, como eram chamados os lugares onde se guardavam as coleções, começam a surgir em toda a Europa. (SUANO, 1986, p. 25-26).

No Brasil, o primeiro museu foi fruto das iniciativas de D. João VI, os antecedentes do Museu Real estão ligados à antiga Casa de História Natural, também conhecida como Casa dos Pássaros, devido à grande quantidade de aves empalhadas. Foi criada 1784 e, durante mais de vinte anos, colecionou, armazenou e preparou produtos naturais e adornos indígenas para enviar a Lisboa. O principal responsável pela Casa dos Pássaros foi Francisco Xavier Cardoso Caldeira (Francisco Xavier dos Pássaros). Porém, em 1810, Francisco Xavier Cardoso Caldeira faleceu, sendo substituído por Luís Antônio da Costa Barradas, que presenciou a extinção daquela Casa.

Logo após a vinda de D. João, o edifício da Casa dos Pássaros, localizado na antiga Rua do Sacramento, atual Avenida Passos, deu lugar ao prédio do Erário Público, depois Tesouro Nacional. Em 22 de junho de 1813, D. João mandou

extinguir todos os cargos daquela instituição e seus móveis, produtos de mineralogia e de história natural foram para a Academia Real Militar, no Largo de São Francisco de Paula. Somente cinco anos mais tarde, o Príncipe-Regente criaria o Museu Real do Rio de Janeiro, que incorporou aquele acervo da Casa dos Pássaros.

Com a vinda da Corte portuguesa para o Brasil (1808) e o movimento intenso de naturalistas que aqui chegaram, na cidade do Rio de Janeiro, foi criada a primeira instituição brasileira dedicada exclusivamente ao estudo das ciências naturais.

O Museu Real foi fundado em 1818, com a função de "propagar os conhecimentos e estudos das ciências naturais no Reino do Brasil, que encerra em si milhares de objetos dignos de observação e exame e que podem ser empregados em benefício do comércio, da indústria e das artes" (BRASIL, 1818).

Os primeiros museus brasileiros inauguraram um novo modelo de comunicação com o público (voltado para a representação da nacionalidade com o objetivo de educar o povo). (JULIÃO, 2006).

Nossos primeiros museus nasceram como obrigação copiada de museus europeus, sem o menor equacionamento aos nossos anseios. Durante todo o século XIX, vão surgir em várias capitais de províncias os Museus enciclopédicos, muito mais preocupados na acumulação de coleções e nas pesquisas realizadas por "homens sábios", do que na comunicação e no diálogo com a população. (MATTOS; MATTOS, 2010, p. 38).

A Coleção universitária, no que diz respeito a sua estrutura, seria a união entre três pilares "a aquisição, a conservação e a pesquisa que contribuem para a construção de seu acervo". Contudo, não existe uma preocupação de expor e divulgar. (MARQUES E SILVA, 2011).

Museus universitários e Coleções universitárias são diferenciados por MARQUES e SILVA da seguinte maneira:

Coleção universitária seria uma unidade com ações mais restritas, que embora adquira, conserve e pesquise não se preocupa em divulgar e/ou expor o patrimônio material e imaterial da humanidade e seu meio ambiente ou o faz de forma parcial. Normalmente é limitada a consulta de pesquisadores e não tem fins de lazer. Aquelas coleções que são mantidas para fins de estudos dos estudantes universitários são denominadas Coleções Didáticas. (MARQUES E SILVA, 2011, p. 67)

Segundo Bruno (2008), grande parcela das coleções museológicas, presentes no Brasil, encontram-se sob a tutela de instituições universitárias. Todavia, a autora ressalta que as gestões dessas unidades tornam-se complexas, ao considerarmos o compromisso da Universidade com o ensino, pesquisa e extensão. Como podemos verificar no trecho a seguir:

É evidente que a lógica administrativa das universidades não privilegia de forma adequada a dinâmica dos processos curatoriais. Nesses casos, é comum a valorização das ações de coleta, estudo e ensino em relação às expressões materiais da cultura em detrimento dos procedimentos de salvaguarda e comunicação museológicas. (BRUNO, 2008, p.23).

O Museu Paraense Emílio Goeldi é um centro de referência internacional, está vinculado diretamente ao Ministério de Ciência e Tecnologia e Inovação - MCTI e conta com três espaços físicos distribuídos pela cidade de Belém e proximidades. A Instituição não está vinculada a nenhuma universidade federal ou estadual, mas oferece programas de pós-graduação. A pesquisa museológica é desenvolvida no prédio mais antigo, localizado no Parque Zoobotânico, onde ocorrem diversas exposições. O parque é uma das áreas de lazer mais importantes de Belém, gerando pesquisas em Museologia e Educação.

Ao mesmo tempo, tratando-se de museus universitários, não se pode desconhecer que eles estão inseridos nas lógicas e práticas do campo científico (BOURDIEU, 2004), sendo influenciados pelas práticas de pesquisadores, professores e administradores deste campo, tal como está configurada a vida acadêmica no Brasil desde a estruturação do atual sistema de ensino superior universitário, após a Reforma Universitária de 1968.

1.2 Políticas de Aquisição.

A aquisição é uma atividade de implementação e de incorporação de novos objetos para a coleção do museu, é nessa etapa que as instituições decidem quais itens irão compor o acervo. É um processo ativo e contínuo, cuja origem se dá antes mesmo do contato entre a instituição e determinado objeto. Esse planejamento contribui para a concretização da atividade de seleção dos acervos. Para que um

objeto integre o acervo de um museu, alguns critérios serão levados em consideração, tais como: a interação com o acervo já existente e a adequação do objeto aos objetivos e missão da instituição.

O estudo e a pesquisa nortearão a política de aquisições e descartes, a identificação e caracterização dos bens culturais incorporados ou incorporáveis e as atividades com fins de documentação, de conservação, de interpretação e exposição e de educação. (LEI 11.904, 2009, p. 4)

Esses procedimentos devem estar bem claros no documento de aquisição. Normalmente esse documento é produzido por um conselho consultivo (este conselho é formado por um curador e por um grupo de pessoas especializadas).Esses contratos comprovam a autenticidade e validade da aquisição do novo objeto, os documentos devem conter em seu anexos outros elementos que reforcem as condições da aquisição. As aquisições geralmente são feitas após seleção e coleta dos objetos desejados (SANTOS, 2000).

A adequada definição de políticas de acervo parte da decisão consciente, justificada e devidamente registrada da escolha dos objetos que deverão compor a coleção de uma instituição. Os critérios e regras que permeiam esse processo de seleção deveriam estar intrinsecamente relacionados com a missão, a tipologia e a estrutura dos museus. O envolvimento de seu corpo técnico qualificado e multidisciplinar composto por museólogos, curadores, documentalistas, conservadores e outros profissionais também deveria sempre balizar a condução desses processos.

A “aquisição” é ato legalmente embasado que dá ao possuidor total capacidade sobre o bem possuído.

Adquirir” é “entrar na posse de algum bem, através de contrato legal ou não; tornar-se proprietário, dono, capacitando-se ao uso pleno. (HORCAIO, 2006, p. 29).

Normalmente, qualquer objeto pode se tornar um objeto museológico, caso seja determinada sua incorporação a um determinado acervo. Vários documentos podem ser anexados, a saber: recibo de entrada (termo de doação ou ofício de doação); recibo de empréstimo (termo de comodato ou cessão de uso); recibos de compra (faturas, contas de cunho oficial ou documentos que comprovem a transação

comercial); ofícios de permuta; cartas de agradecimentos; relatórios técnicos de pesquisa; ficha de campo ou arrolamento; entre outros. Esses documentos, no futuro, servirão não só como documentos de origem do acervo, mas também como suportes para pesquisas das peças, como, por exemplo, os documentos de incorporação do Museu Nacional de Gemas para o Museu de Geociências –UnB.

Um dos princípios da aquisição, de acordo com o Código de Ética para Museus (CONSELHO INTERNACIONAL..., 2004), é de que “os museus têm a responsabilidade de adquirir, preservar e promover suas coleções, contribuindo para salvaguardar o patrimônio natural, cultural e científico”.

O ICOM, em seu Código de Ética para Museus (2004), possui uma seção exclusiva para orientar quanto à aquisição de objetos:

Neste documento, os itens 2.1 a 2.11 dispõem sobre: política de aquisição, título de propriedade válido, procedência e diligência obrigatória, bens e espécimes provenientes de trabalhos não científicos ou não autorizados, materiais culturalmente “sensíveis”, espécimes geológica ou biologicamente protegidos, acervos de organismos vivos, acervos educativos, aquisições excepcionais, aquisições por membros da direção e funcionários e depositários em última instância.

Ladkin, em relação à aquisição de objetos, aponta que:

Qualquer que seja o sistema utilizado, os registros de incorporação são documentos de elevada importância legal, administrativa e de curadoria que contêm informação sobre o doador ou fonte do acervo, título válido de propriedade, informação sobre a avaliação do seguro, relatórios sobre o estado de conservação, inventários da incorporação, fotografia e outros documentos pertinentes. (LADKIN, 2004, p.21).

A entrada de um objeto em uma instituição precisa estar de acordo com as políticas de aquisição, elas definem os critérios e procedimentos para que o objeto escolhido passe a fazer parte do acervo permanente. Segundo Samuel Albertini a entrada da coleção é o momento mais rico para a transformação do objeto. Como afirma Ladkin:

A política de aquisição deve abordar assuntos como a relevância da coleção para a missão do museu, o perfeccionismo da sua documentação relacionada e os requisitos especiais para materiais cultural e cientificamente “sensíveis”. (LADKIN, 2004, p. 20).

Alguns documentos são gerados a partir desse processo, como apontado no quadro 1 a seguir:

Quadro 1 – Documentos a serem gerados no museu quando da incorporação de objetos.

COMPRA	TRANSFERÊNCIA	DOAÇÃO	LEGADO	PERMUTA	COLETA
Recibo de entrada	Recibo de entrada	Recibo de entrada	Recibo de entrada	Recibo de entrada	Recibo de entrada
Laudo técnico	Laudo técnico	Laudo técnico	Laudo técnico	Laudo técnico	Ficha de campo
Recibo de compra	Termo de transferência	Termo de doação	Testamento	Termo de permuta	Diário de coleta

Fonte: Adaptado de Costa (2006, p. 34-35).

Todos os museus devem obter um plano de aquisição. Neste plano devem estar previstas todas as formas de aquisições para que o museu tenha diversas possibilidades ao criar e ampliar seu acervo. Nele deverá ser levado em consideração:

Doação: É um tipo de contrato no qual uma das partes se obriga a transferir para a outra parte um bem de sua propriedade. O art. 538 do Código Civil define a doação como “o contrato em que uma das partes, por liberalidade, transfere bens ou vantagens do seu patrimônio para terceiro, que os aceita”. Sobre sua natureza jurídica, existe uma discussão doutrinária em que para alguns a doação é uma forma de aquisição da propriedade. As doações podem ser espontâneas ou solicitadas, esses materiais devem passar por um processo de seleção. (LUZ, 2014, p.3)

Compra: É a aquisição de um objeto por meio de pagamento em dinheiro ao legítimo dono. Os recursos para as aquisições de novos acervos deverão estar previstos no Plano Museológico da instituição e dentro do seu planejamento financeiro.

Segundo o IBRAM, para o financiamento a projetos no setor museológico, existem atualmente três alternativas principais: apoio direto realizado pelo Ministério da Cultura e suas vinculadas (pelo Ibram) com recursos do Orçamento Geral da União (OGU); por meio de Emendas Parlamentares ao próprio Orçamento; e por meio de Renúncia Fiscal por meio da Lei 8.313/91¹⁰.

Transferência: É o deslocamento de uma peça do acervo para outra instituição. Normalmente ela é feita mediante a complementação de uma coleção ou pela incorporação de um acervo a outra instituição. Dessa forma, os procedimentos de incorporação de objetos ao acervo do museu seguem um modelo sistemático estabelecido pela instituição museológica, o qual precisa estar sistematicamente estabelecido, preferencialmente em forma de manual.

[...] um extenso conhecimento sobre a instituição museológica o que inclui o preciso dimensionamento da extensão, possibilidade e necessidades do acervo (BITTENCOURT, 1990, p. 37).

Para estabelecer um processo de transferência de um bem ou acervo, três critérios devem ser considerados: o estado de conservação, a originalidade e a pertinência.

Os objetos de uma nova aquisição devem apresentar um bom estado de conservação, porém, ainda que apresentem alguma forma de contaminação biológica ou química, poderão ser incorporados desde que exista a possibilidade de recuperação.

Camargo-Moro sugere os critérios gerais para a seleção de objetos que devem ser pensados dentro de uma política de aquisição:

- a peça deve ter um bom potencial para pesquisa e estudo;
- a peça deve ser de interesse para exposição e estudo dentro da filosofia e proposta do museu, visto como um todo dentro de uma ótica interdisciplinar em desenvolvimento;
- a peça deve ser significativa, em função de sua própria representação: isto é, um bom representante de sua classe, ou um fator de complementação, seja quanto à extensão, ou preenchimento de lacuna;
- a peça deve ser analisada, levando em consideração o ponto de vista estético e/ou histórico, e/ou arqueológico, e/ou etnográfico, e/ou

¹⁰ Portal do Instituto Brasileiro de Museus. <http://www.museus.gov.br/fomento/>

científico, e sua importância social, seu simbolismo, sua raridade, seu potencial;

- mesmo quando observado um conjunto de peças, cada uma delas não deve deixar de ser analisada individualmente e equacionada dentro de um sistema de prioridades;
- a peça deve ser estudada e analisada também em conjunto com as demais peças do acervo já existente equacionando-se, portanto, a este. (CAMARGO-MORO, 2004, p. 20).

Existem inúmeras formas de aquisição, em todas elas é necessária a elaboração dos instrumentos legais, na tentativa de certificar-se de que o museu no futuro não enfrente problemas com o acervo por falta de certificação. Segundo Bittencourt; Fernandes; Tostes (1995):

De um ponto de vista formal, cada museu pode criar tantas categorias de aquisição quantas forem necessárias para o bom andamento de suas atividades. (BITTENCOURT; FERNANDES; TOSTES, 1995, p. 64).

A política de desenvolvimento de coleções segundo Lima e Figueiredo se refere:

Ao conjunto de diretrizes e normas que visa estabelecer ações, delinear estratégias gerais, determinar instrumentos e limitar critérios para facilitar a tomada de decisão na composição e no desenvolvimento de coleções, em consonância com os objetivos da instituição, dos diferentes tipos de serviços de informação e dos usuários do sistema. (LIMA E FIGUEIREDO 1984 apud DIAS e PIRES, p. 20).

À aquisição de objetos também estão ligadas as questões de identidade social, que determinam quais peças devem ser ou não ser preservadas e mantidas como herança para uma comunidade. Em seção referente à origem dos acervos, o Código de Ética para Museus do ICOM traz o seguinte princípio:

Os acervos dos museus refletem o patrimônio cultural e natural das comunidades de onde provêm. Desta forma, seu caráter ultrapassa aquele dos bens comuns, podendo envolver fortes referências à identidade nacional, regional, local, étnica, religiosa ou política. Consequentemente, é importante que a política do museu corresponda a esta possibilidade. (ICOM, 2004, p. 29)

Nenhum objeto ou espécime deve ser adquirido por compra, doação, empréstimo, legado ou permuta, sem que o título de propriedade a ele relativo tenha validade comprovada pelo museu.

A “aquisição” é, para além de um ato intelectual, uma figura decorrente de um ato juridicamente embasado, que gera direitos plenos, enquanto o recolhimento gera apenas a posse.

No próximo capítulo buscaremos fazer uma análise sobre o processo de incorporação da coleção Joias e Gemas do Museu Nacional de Gemas (MNG) para o Museu de Geociências da Universidade de Brasília (Mgeo-UnB), tendo como base uma intensa pesquisa na documentação produzida ao longo da incorporação da coleção e diversas entrevistas.

CAPÍTULO 2 - ANÁLISE DA PROPOSTA DA INCORPORAÇÃO DA COLEÇÃO DE GEMAS DO MUSEU DE GEMAS (MNG) PARA O MUSEUS DE GEOCIÊNCIAS (MGEO-UNB).

A multiplicidade das pedras brasileiras é reconhecida não só em solo brasileiro, como também no exterior. O Brasil é considerado o maior produtor de topázio imperial, além de ser o único produtor no mundo de turmalinas paraíba (rósea, verde e azul). Nosso país também ocupa a 14ª posição no *ranking* mundial na produção de ouro, e destaca-se na produção de outras pedras coradas. (GARCIA, 2005).

No Brasil, podem-se encontrar turmalinas, águas-marinhas, topázios e diversas gemas do grupo do quartzo, como ágata, ametista, citrino e cristal-de-rocha. (GARCIA, 2005, p.8).

O Brasil produz mais de 1/3 de todas as gemas comercializadas no mundo, com exceção dos diamantes, rubis e safiras. Da mesma forma, é possível encontrar *designers* brasileiros presentes no mercado internacional, representando um país de cultura e etnia diversificadas, que pode oferecer um produto de valor agregado de boa ou ótima qualidade na apresentação de pedras, metais e outros materiais.

Nesse contexto, o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae-DF) e a Associação Brasileira de Gemas e Joias (Abragem) perceberam a necessidade de desenvolver um estudo aprofundado sobre o Setor de Gemas e Joias no Distrito Federal. A coleta de dados sobre a situação do setor no Distrito Federal foi feita por órgãos governamentais como o Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior e entidades de classe. Percebeu-se um grande potencial, a atuação de *designers* brasilienses no Brasil e no exterior, a localização geográfica e a proximidade com regiões como Goiás e Minas Gerais indicavam fortes possibilidades de desenvolvimento. O estudo foi desenvolvido de julho a setembro de 2004.

Este estudo foi uma das tentativas do Sebrae-DF de reafirmar a necessidade da permanência do Museu Nacional de Gemas (MNG) na Torre de TV em Brasília.

O estudo teve como principal objetivo identificar, caracterizar e dimensionar o setor de gemas, joias, bijuterias e correlatos. Buscou-se conhecer a dinâmica de operação do mercado, a utilização dos recursos produtivos, a fabricação e a comercialização, evidenciando as peculiaridades do setor, nas áreas sistêmicas de estrutura industrial, mercado, gestão, tecnologia, design, inovação, capital, fiscal, tributária e de recursos humanos, abrangendo os seus principais segmentos.

O relatório, além de fornecer informações importantes sobre o setor, apresenta os principais gargalos diagnosticados. Também apresentou as propostas dos entrevistados para o melhor desenvolvimento local do Setor de Gemas, Joias, Bijuterias e Correlatos.

Ao longo deste estudo, perceberam-se as várias dinâmicas de operação do mercado, a utilização dos recursos produtivos, a fabricação e a comercialização. Esse diagnóstico apresentou propostas pelos entrevistados para o melhor local do Setor de Gemas, Joias, Bijuterias e Correlatos.

Com base nas informações coletadas junto aos entrevistados, apontaram-se as seguintes ações como importantes para o desenvolvimento do setor:

- Realização de eventos como feiras e exposições nacionais e internacionais em conjunto com o setor de turismo de eventos do Distrito Federal;
- Desenvolvimento de um selo de qualidade das gemas brasileiras com apoio da Universidade de Brasília - UnB;
- Maior divulgação do Museu de Gemas na Torre de TV;
- Maior promoção dos produtos (gemas, joias, bijuterias e artesanato) por meio de quiosques de informações e *folders* a serem distribuídos aos turistas, com apresentação de peças brasilienses, incentivando-os a comprá-las como se fossem verdadeiros *souvenires* de Brasília. (APL, p.54)

O Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae) é uma entidade privada que promove a competitividade e o desenvolvimento sustentável dos empreendimentos de micro e pequeno porte — aqueles com faturamento bruto anual de até R\$ 3,6 milhões.

O Sebrae, há mais de 40 anos, atua com foco no fortalecimento do empreendedorismo e na aceleração do processo de formalização da economia por meio de parcerias com os setores público e privado, programas de capacitação, acesso ao crédito e à inovação, estímulo ao associativismo, feiras e rodadas de negócios.(Questão 1 - Luís Afonso Bermúdez)¹¹.

Com intuito de promover e fortalecer as atividades da comunidade produtora de Joias de Brasília, o Sebrae-DF foi uma das entidades apoiadoras e executoras do projeto de criação do Museu Nacional de Gemas (MNG), por conseguinte ele tornou-se a única instituição responsável por sua administração.

2.1 Museu Nacional de Gemas - MNG.

O Museu Nacional de Gemas-MNG foi criado com o propósito de difundir informações sobre minerais e gemas do Brasil e do exterior, joias e correlatos, tendo abrangência educativa e cultural.

2.1.1 A Instituição.

Em 24 de outubro de 1996, foi inaugurado o Museu Nacional de Gemas (MNG) e o Laboratório de Análise e Certificação de Pedras e Metais Preciosos, que foi uma iniciativa do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae-DF) em parceria com o Sebrae Nacional e o Governo do Distrito Federal. O MNG foi instalado em um salão panorâmico da Torre de Televisão, em uma das áreas mais nobres no Eixo Monumental de Brasília.

2.1.2 O Acervo.

Este projeto foi desenvolvido a partir da necessidade de criar na capital do país um centro excelência em gemas e joias. O acervo era composto por aproximadamente 3.000 gemas, em estado bruto ou lapidadas e foi organizado e disponibilizado em uma exposição permanente. Em seus expositores, podiam ser vistos diamantes, esmeraldas, rubis brasileiros, águas marinhas, além de incluir

¹¹ Luís Afonso Bermúdez é formado em Engenharia Eletrônica pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS), em Porto Alegre. Na sequência, fez mestrado na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC/RJ). Na época da incorporação era diretor do Centro de Apoio ao Desenvolvimento Tecnológico da Universidade de Brasília (CDT/UnB), e membro do Conselho Deliberativo do Sebrae/DF. Atualmente é presidente do Conselho Deliberativo do Sebrae/DF.

gemas orgânicas como coral, âmbar, madrepérola, pérola, marfim, cipre de gamo, imitações em vidro, resinas, plásticos e gemas sintéticas.

O acervo do MNG também possuía o último espécime de gema encontrado em solo brasileiro e único no mundo, o topázio imperial de Minas Gerais. Na época, acreditava-se que o MNG era o único museu mineralógico que possuía este espécime raro em seu acervo, essa informação foi confirmada tempos depois.

Todas as vitrines eram iluminadas por fibras óticas, essas inovações e cuidados destacaram o MNG como um dos museus de maior grau de importância no Brasil e no mundo na época.

2.1.3 O público.

O museu recebia em média 15 caravanas escolares por mês, entre escolas públicas e privadas do ensino fundamental (chamado turismo pedagógico), comitivas internacionais ligadas a embaixadas, turistas que vinham conhecer a capital ou participantes de feiras e congressos. Outro público bastante presente no museu era a comunidade produtora de joias e os turistas.

2.1.5 Os laboratório.

O laboratório de gemas e metais preciosos estava aparelhado para promover análise e certificação de autenticidade das gemas e das joias, em conformidade com as normas internacionais e normas da ABNT (Associação Brasileira de Normas e Técnicas) o que assegurava a credibilidade e qualidade aos serviços prestados. O laboratório atendia aos profissionais da área, como ourives, pedristas, polícia federal, clientes encaminhados pelo IBGM, ABRAGEM e AJO/DF, bem como o público em geral interessado em analisar a veracidade da pureza de suas peças para posteriormente serem comercializadas, principalmente no mercado local.

2.2 Museu de Geociências- Mgeo.



Figura 1- Coleção de Gemas do MGeo
Fonte: Acervo do Mgeo- UnB.

2.2.1 A Instituição.

O Museu de Geociências da Universidade de Brasília (Mgeo) foi criado em 1965 a partir de um dos projetos do Decanato de Extensão da UnB, desenvolvido pelo Instituto de Geociências (IG), com a missão de divulgar as geociências para a sociedade, além de manter e ampliar acervos paleontológicos, de mineralogia e litológicos voltados à pesquisa de professores e alunos da UnB. No início, o Mgeo funcionou como um depósito para uma série de amostras, coletadas em pesquisas de campo realizadas por alunos e professores desse Instituto. O Mgeo está localizado no Campus Universitário Darcy Ribeiro, Instituto Central de Ciências (ICC) Ala Centro, Bloco A, Sala AT-276/18, Asa Norte, Brasília- DF.

Em 1971, em Sanclerlândia (Goiás), foi descoberto um meteorito de ferro de mais de 200 quilos. Essa peça foi considerada rara, e a direção do IG demonstrou interesse em expor o objeto para a comunidade, os docentes do IG entenderam que aquela peça deveria ser apresentada e divulgada para a comunidade. Dessa forma,

a direção do IG decidiu utilizar o depósito de amostras do Instituto para começar esse trabalho, foi nesse momento que o depósito se transformou no primeiro espaço do Instituto direcionado para o que no futuro seria o Museu de Geociências.



Figura 2- Meteorito de ferro e níquel (Fe,Ni)
Procedência Sanclerlândia, Goiás - Foto Alvarenga,C.J.S. 2004.

A missão do museu de geociência é divulgar a geociência para a sociedade, manter e ampliar o acervo paleontológico, mineralógico, litológico voltado à pesquisa e ações pedagógicas promovendo a preservação do patrimônio geológico brasileiro.

2.2.2 Estrutura do Museu.

Entre os anos de 2008 e 2010, o museu passou por algumas reformas em sua estrutura visando ampliar seus espaços e fazer reparos em uma das salas. Nessa reforma, foi criada uma sala de estudos, uma biblioteca, uma reserva técnica, uma sala para guarda das coleções didáticas e uma sala de reparação. Atualmente esse espaço está situado nas dependências do IG no Campus Universitário Darcy Ribeiro, Instituto Central de Ciências (ICC) Ala Centro, Bloco A, Sala AT-276/18, Asa Norte, Brasília- DF.

2.2.3 O acervo.



Figura 3- Acervo mineralógico do Mgeo.
Fonte: Acervo do Mgeo- UnB.

Hoje o museu possui um acervo contendo entre cinco e seis mil peças, entre elas amostras de rocha, minerais, fósseis, meteoritos e gemas, além de alguns exemplares de instrumentos utilizados na pesquisa geológica.

O acervo do MGeo é composto por três coleções: *Écoles des Mines*, Coleção de Gemas e a Coleção Didática . A coleção *Écoles des Mines* foi doada no início desse museu, na década de 60, pela *Écoles des Mines*, em Paris, na França. Em sua composição, encontravam-se várias amostras de rochas e de minerais. A Coleção de Gemas¹² foi transferida pelo MNG para o Mgeo-UnB em 2012, esse oacervo passou a incorporar as exposições do museu e os projetos de pesquisa do IG. Existe também a coleção Didática que é composta por peças doadas por professores para auxiliar no ensino das disciplinas dos cursos de graduação relacionados ao Instituto de Geociências e ao Mgeo.

¹² Como se pode ver, as gemas são a categoria com tipos mais variados, reflexo da diversificada origem dessas substâncias. Gema é uma substância geralmente natural e inorgânica que, por sua raridade, beleza e durabilidade, é usada para adorno pessoal.

2.2.4 Reserva técnica.

A reserva técnica do museu é dividida em duas salas localizadas no subsolo do Instituto Central de Ciências da Universidade de Brasília (ICC sul- UnB). A primeira sala é composta por estantes de metal e as amostras estão acondicionadas dentro de caixas de plástico envoltas em material de polietileno. Há um grande armário com várias gavetas pequenas que abrigam a maior parte dos fósseis, além de outros armários menores com diferentes tipos de amostras. Algumas disciplinas dos cursos de Geofísica e Geologia da UnB utilizam o conteúdo dessas exposições como complemento das aulas.

2.2.5 Público.

O público alvo do Mgeo são pessoas do próprio instituto e a comunidade acadêmica em geral, mas ele está aberto para receber, mediante agendamento prévio, visitantes de escolas de ensino fundamental, médio e nível superior. O Mgeo-UnB realiza atividades de extensão para atender à comunidade escolar por meio de visitas monitoras, cursos, minicursos e oficinas. Para a comunidade acadêmica, são realizadas palestras, cursos, assessoria na produção de pesquisas e publicação de artigos e ainda buscam promover e incentivar a preservação do patrimônio natural e o desenvolvimento da consciência ambiental.

2.3 O Processo de Transferência da Coleção de Gemas e Joias.

A coleção inicial do Museu Nacional de Gemas (MNG) era formada por mais de 3.000 espécimes de gemas brasileiras avaliadas em mais de 1 milhão de reais.

O Museu foi organizado e sistematizado por três instituições: o Sebrae, o IBGM (Instituto Brasileiro de Gemas e Metais Preciosos) e a COOPREGEMAS (Cooperativa de Gemas do DF). Foi inaugurado pelo então Governador do DF, Sr. Cristovam Buarque. Durante os meses seguintes a sua inauguração o Museu recebeu visitantes do mundo inteiro. Junto com o Museu foi inaugurado um centro comercial que até o ano de 1999, foi um dos centros mais rentáveis do Centro-

Oeste, nele eram comercializados as gemas que eram lapidadas e produzidas no Brasil.

Após este período, no entanto, as três organizações parceiras passaram por um processo de ruptura, no qual o Sebrae (proprietário na época do acervo gemológico e do laboratório), assumiu a administração do Museu em 1999. Como o Sebrae não é uma instituição mercantil, a Central de negócios deixou de existir, então os espaços do Museu passaram a ser utilizados para o desenvolvimento das atividades do Sebrae/DF e para a produção de exposições de gemas brutas.

No ano de 2003, o Sebrae perdeu o contrato para administrar o espaço, que estava sendo utilizado para as atividades do Museu, tais como as exposições e as avaliações do valor e da qualidade das gemas. Em 2005, a Procuradoria-Geral do DF determinou que, se não houvesse uma renovação do contrato, as instalações deveriam ser desocupadas. Na época, todas as tentativas de permanência foram esgotadas. Segundo o diretor-superintendente do Sebrae no DF, José Carlos Moreira D'Luca:

Desde 2003 não temos mais o contrato para administrar o espaço. Em 2005, a Procuradoria-Geral do DF determinou que nós ou renovássemos o contrato ou saíssemos da Torre. Estamos sugerindo que todos os setores da cidade possam utilizar o espaço nobre e não apenas um.

Sobre a perda do espaço, o presidente da Associação Brasileira de Gemas e Joias (Abragem), Harilton Vasconcelos destacou que:

A Torre de TV é o principal ponto turístico de Brasília. Quase todas as ações do arranjo foram criadas para ser executadas no museu, que fica no melhor ponto turístico. Pretendíamos retomar a central de negócios, tínhamos um plano de revitalização do local.

Após diversas tentativas de continuar com a tutela da coleção do Museu Nacional de Gemas, o Sebrae iniciou o projeto de transferência da coleção para o Museu de Geociências (MGeo-UnB). Esse projeto dividiu opiniões. Os representantes do ramo de pedraria e joalheria temiam que essa mudança enfraquecesse o setor. Em 2006, o conselho administrativo do Sebrae-DF, responsável pelo acervo de pedras brasileiras que durante 14 anos que esteve exposto no mezanino da Torre de TV, confirmou que a coleção seria doada à Universidade de Brasília (UnB).

Neste sentido, e considerando a impossibilidade de renovação do contrato de cessão com o Governo de Brasília (GDF) e a dificuldade de renovação do seguro dos bens patrimoniais do local e os custos elevados de manutenção do Salão Panorâmico da Torre de TV, que são despendidos integralmente pelo Sebrae-DF, a Diretoria Executiva do Sebrae-DF mantém o Parecer Técnico emitido pela Gestora e pelo Gerente da Unidade, que subsidiou o Relator designado pelo CDE, que manifestou-se favorável à transferência oficial do Museu Nacional de Gemas e do Laboratório de Análise e Certificação do Sebrae-DF para Universidade de Brasília e a devolução do Salão Panorâmico para o Governo do Distrito Federal.

A proposta para incorporação¹³ do Museu Nacional de Gemas à Universidade de Brasília foi formulada a pedido da direção do Sebrae-DF junto à UNB, que tinha o intuito de apresentar alguns elementos para a decisão e para a iniciativa de transferência para a UnB do acervo do Museu de Gemas e suas coleções.

A incorporação museal é o processo pelo qual um objeto “comum” é transformado num objeto de museu. Pois um mesmo objeto pode ganhar significados distintos em um museu. Esse processo por se analisar a importância e o papel dos objetos na instituição museal para, seguidamente, se acompanhar um extenso trajeto na vida dos objetos, passando por várias etapas, desde a produção à patrimonialização e musealização, aprofundando-se, por fim, o processo técnico de incorporação.

A incorporação se iniciou por meio do contato com o Centro de Apoio ao Desenvolvimento Tecnológico (CDT/UnB) e foram realizadas diversas reuniões com professores e dirigentes das entidades envolvidas.

O processo teve início na gestão do Prof. Paulo Roberto Meneses (2006-2009), na diretoria do Instituto de Geociências, quando o Sebrae procurou o Museu de Geociências para consultar sobre nossa disponibilidade em receber a Coleção de Gemas e outros itens do Museu da Torre de TV. Nessa ocasião, o Prof. Detlef H. G. Walde era o chefe e eu era o vice-chefe do MGeo e a profa. Maria Julia E. Chelini a coordenadora de exposições do MGeo. (Professor Dermerval¹⁴ do Varmo, Questão 1).

¹³ A incorporação- é a operação pela qual uma ou mais instituições são absorvidas por outra, que lhes sucede em todos os direitos e obrigações Na incorporação a sociedade instituição deixa de existir.

¹⁴ Bacharel em geologia pela Universidade Federal de Mato Grosso (1990), Mestre em Geociências (1993) e Doutor em Ciências (1998) pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1993). Foi chefe do Departamento de Geologia Geral (1999-2001), coordenador do curso de graduação em geologia (2001 a 2003), vice-diretor do Instituto de Geociências (2010 a 2014). Atualmente é Professor Associado, Presidente da Associação de Amigos

O Sebrae-DF, o Centro de Apoio ao Desenvolvimento Tecnológico da Universidade de Brasília (CDT-UNB) e o Instituto de Geociências (IG-UnB) entraram em consenso quanto ao formato do instrumento jurídico a ser seguido durante o processo de transferência do acervo. Tratava-se de um Termo de Cooperação Técnica, seguido de um Termo de Doação. A minuta desses termos foi preparada em conjunto pelas três instituições. Algumas questões foram definidas no âmbito da Fundação Universidade de Brasília (FUB) e em acordo com o Sebrae-DF, tais como:

- Qual será a unidade da UnB que se responsabilizará por zelar pelo patrimônio/acervo transferido? (a sugestão é que o acervo seja incorporado ao Museu de Geociências sob responsabilidade do Instituto de Geociências);
 - Quais serão as unidades envolvidas no convênio?;
 - Quais são as obrigações de cada unidade da UnB (convenientes)?
 - Elaboração do Plano de trabalho ou Projeto Básico anexo ao convênio, refletindo as obrigações de cada um, atividades previstas, cronograma, resultados.
- (Proposta para incorporação do Museu de Gemas- Sebrae-DF à Universidade de Brasília, Março de 2010).

Conforme designação do Conselho Deliberativo do SEBRAE-DF, apresentou-se as seguintes considerações sobre a análise da Proposta de Incorporação do Museu de Gemas do Laboratório de Análise do Sebrae-DF à Universidade de Brasília.

- A Incorporação do Museu de Gemas do Laboratório de Análise do Sebrae-DF à Universidade de Brasília (UnB) fará de Brasília um Centro de Excelência no país em certificação de gemas e metais preciosos;
- A UnB dará continuidade às visitas pedagógicas realizadas no Museu de Gemas pelas escolas públicas e privadas, embaixadas, órgãos internacionais e turistas em geral interessados em conhecer o acervo mineralógico de gemas;
- As parcerias técnico-científicas iniciadas com as entidades do setor de Gemas e Joias no DF que mereçam ser realizadas no âmbito do Museu de Gemas do Laboratório não poderão ser interrompidas;
- A iniciativa de Incorporar o Museu e o Laboratório de Gemas e Joias à UnB é uma ação de grande importância para o desenvolvimento econômico do Setor de Gemas e Joias no Distrito

do Museu de Geociências, membro do Conselho Superior da FINATEC e Presidente da Comissão Organizadora do 1º Seminário Internacional de Acervos Científicos. Tem experiência na área de geociências, com ênfase em Paleontologia Estratigráfica, atuando principalmente nos seguintes temas: taxonomia e paleoecologia de ostracodes do Cretáceo Inferior aplicadas à bioestratigrafia e paleoambiente. Dentre as atividades de destaque para a o estudo de ostracodes e suas aplicações para o estudo da evolução paleogeográfica da margem continental do Brasil, bem como para a indústria extrativa de petróleo e gás.

Federal e não trará prejuízos à execução dos projetos iniciados e estruturados pelo Sebrae-DF em parceria com as entidades de classe do setor.

- As despesas para manutenção do espaço do Museu de Gemas e do Laboratório de Análise do Sebrae-DF (Mezanino da Torre de Tv) estão estimadas em R\$ 350.000,00 ao ano. Portanto, a referida Incorporação à UnB proporcionará uma economia que vem ao encontro do Plano de Otimização de Recursos adotados no Sebrae-DF a partir do segundo semestre de 2009¹⁵.

A Abragem¹⁶, no entanto, obteve uma liminar que suspendeu a transferência¹⁷. Segundo o presidente da Associação dos Joalheiros do Distrito Federal (AjoDF), Valmir Jacinto Pereira, em depoimento na representação a Abragem contra o Sebrae-DF, afirmou que :

Nós não somos contra a doação. Somos contra a mudança do espaço, argumentou. Essa transferência representa um retrocesso imenso para o setor.

Outra questão levantada pela associação foi a de que a doação causaria restrição de frequentadores e visitantes devido à exclusão da universidade da rota de atrações de Brasília. Mas os representantes do Sebrae afirmaram que a transferência ampliaria esse acesso.

Em 2009, as equipes do Museu de Geociências (MGeo-UnB), (CDT/UNB)¹⁸ e do LabJoias- Instituto de Artes (IdA-UnB) foram contatadas pela Diretoria do Sebrae-DF para avaliar a possibilidade de incorporação do Museu de Gemas e Joias à Universidade de Brasília. Após ampla discussão interna com o Sebrae-DF, uma proposta final foi elaborada e aprovada em ambas instituições. Em 2012, a

¹⁵ As considerações sobre a Análise da Proposta de Incorporação do Museu de Gemas do Laboratório de Análise do Sebrae-DF à Universidade de Brasília.

¹⁶ Abragem - A Associação Brasileira dos Pequenos e Médios Produtores de Gemas, Joias e Similares; Mineradores e Garimpeiros, tem por finalidade implementar ações que resultem na melhoria da qualidade de vida do cidadão, com ênfase no desenvolvimento econômico, social, cultural, no combate à pobreza, na educação complementar, pesquisa, ciência, tecnologia, preservação do meio ambiente, na profissionalização, no empreendedorismo, e na geração de renda.

¹⁷ A Abragem foi uma das participantes do projeto de criação do Museu Nacional de Gemas (MNG). E apresentou o projeto para transferir o museu de Gemas para a sua Associação.

¹⁸ O Centro de Apoio ao Desenvolvimento Tecnológico da Universidade de Brasília – CDT/UnB é um grande incentivador da inovação tecnológica no Brasil. Apóia a pesquisa e o desenvolvimento do empreendedorismo, além de fortalecer os laços existentes entre a Sociedade, Empresas e o Governo. As atividades são estabelecidas a partir de quatro eixos de atuação: Ensino, Pesquisa e Difusão do Empreendedorismo; Transferência e Comercialização de Tecnologias; Desenvolvimento Empresarial; e Cooperação Institucional: Universidade – Empresa – Governo – Sociedade.

formalização da doação e incorporação da coleção à Universidade de Brasília foi concretizada.

O Museu de Geociências (MGeo-UnB) foi escolhido por ter um perfil científico com exposições especialmente voltadas para o público escolar, já que a maioria dos museus do DF são mais voltados para o contexto histórico, além de assumir a responsabilidade de expandir as parcerias e interações entre a comunidade científica e o segmento joalheiro, incluindo a captação de novos parceiros.

Para o coordenador do Disque Tecnologia, Marcelo Nascimento, a participação do (CDT/UnB) nessa parceria é importante devido à ligação que a instituição tem com os empreendedores.

Existe um grande potencial a ser explorado no setor de Gemas e Joias no Distrito Federal. Nesse sentido, o novo acervo enriquecerá as ações de extensão junto ao meio empresarial, aproximando cada vez mais o CDT dos empreendedores.

Segundo Maria Júlia Estefânia Chelini¹⁹, na ocasião Coordenadora de Extensão do Mgeo, ao longo de todo o processo, quatro grandes desafios foram enfrentados:

Aqui eu diria que enfrentamos quatro grandes desafios: 1º foi a disputa com o setor joalheiro do DF (não lembro o nome exato da instituição) que se dizia dona da coleção e que conseguiu inclusive proibir o acesso do próprio Sebrae e da equipe do MGeo ao Museu de Gemas por mais de 6 meses. Ao cabo do processo, a coleção foi reconhecida como de propriedade do Sebrae e sua transferência para a Universidade autorizada pelo Juiz. O 2º foi o alinhamento dos desejos de todos os envolvidos. Posso citar, em relação a isso, por exemplo, a compreensão, por parte da instituição doadora de que a coleção passaria por uma ressignificação para se alinhar a missão da instituição receptora. Foi importante deixar claro que não era uma simples transferência da exposição montada no Museu da Torre para o MGeo e sim uma transferência da coleção, que passaria a ser parte de uma outra proposta. O 3º desafio acho que foi o trabalho direto com o material. A equipe do MGeo não contava com especialistas na área de gemologia para efetuar a valoração necessária, por exemplo. Além disso, a embalagem e transporte do

¹⁹Graduada em Ciências Biológicas (Bacharelado e Licenciatura) pelo Instituto de Biociências da USP (1999 e 2002), desenvolveu mestrado estudando taxonomia de moluscos bivalves (Família Corbulidae) pelo Departamento de Zoologia (IB-USP - 2002). No doutorado voltou-se para a divulgação científica por meio de exposições em Museus de Ciências, defendendo tese igualmente pelo Departamento de Zoologia (IB-USP-2006). Entre 2009 e 2014, desenvolveu ações como Professora visitante junto ao Museu de Geociências da UnB, ocupando Coordenação responsável pelo desenvolvimento de projetos de extensão dentre os quais a nova exposição de longa duração e o desenvolvimento de materiais de apoio ao ensino.

material tiveram de ser feitos pela própria equipe do MGeo, a acomodação desta coleção dentro do MGeo tb teve de ser muito pensada já que o material dobrava a coleção original. Neste sentido veio o obstáculo 4: as acomodações e principalmente a segurança da coleção no MGeo. Embora não tivesse nenhuma peça de grande valor, a coleção de gemas, por sua estética e até por seu nome, tem um carisma, desperta um imaginário relativo à riqueza e luxo, que pode chamar a atenção de eventuais ladrões... (Professora Maria Júlia Estefânia Chelini, questão 6)

Em um momento posterior, na gestão do Prof. Detlef H. G. Walde na diretoria do Instituto de Geociências (2010-2014) ocorreu a concretização da incorporação da coleção para o Museu de Geociências. Porém, nesse período o MGeo estava fechado passando por uma reforma. Então, nesse caso, o desafio era concluir as obras da reforma, para concluir a área do piso térreo do Instituto de Geociências, essa conclusão era necessária para promover a exposição do acervo incorporado.

A reinauguração do Museu aconteceu em abril de 2013, (sob a chefia do Prof. Bernhard M. Bühn) na chefia e Prof. Marcelo P. Rocha, e vice-chefia do MGeo e a profa Maria Julia Estefânia Chelini, com a primeira mostra da nova aquisição da coleção de gemas. O acordo entre as quatro entidades que possibilitaram a transição gerou alguns documentos nesse período:

1. Inventário Patrimonial (2011);
2. Proposta de Incorporação do Museu de Gemas – Sebrae – ao Museu de Geociências da UnB (2010);
3. Carta do Sebrae ao Membro do Conselho Superior tratando de questões a respeito da incorporação do Museu de Gemas ao Museu de Geociências da UnB (2010);
4. Parecer técnico aprovando a incorporação (2010);
5. Parecer técnico do SEBRAE aprovando a incorporação (2010);
6. Documento diversos da ABRAGEM (Associação Brasileira de Pequenos e Médios Produtores de Gemas, Joias e Similares, Mineradores e Garimpeiros;
7. Inúmeros outros DOCs que estão escaneados e que foram compartilhados para contribuir com a realização do seu TCC. e Chelini a coordenadora de exposições do MGeo. (Professor. Dermeval do Carmo. Questão 4).

Para estabelecer o processo de incorporação da coleção ao MGeo, em reunião, ficaram estipulados os procedimentos em um cronograma de ações a serem desenvolvidas durante todos os trâmites de transição.

Quadro 2- Cronograma das ações a serem desenvolvidas durante o processo de incorporação.

Cronograma físico						
Ações	MESES (Ano: 2010)					
	Abril	Maio	Jun	Jul	Ago	Set
<i>Entrega da versão final da proposta da UnB ao SEBRAE-DF</i>						
<i>Elaboração do Plano de Trabalho e dos Instrumentos jurídicos</i>						
<i>Reunião das unidades da UnB (CDT + IG + LabJóias) com reitor e decanos</i>						
<i>Realização do inventário do acervo e patrimônio a ser transferido</i>						
<i>Aprovação da proposta pelo CDE/DF</i>						
<i>Tramitação dos instrumentos na PJU da UnB e Jurídico do SEBRAE-DF</i>						
<i>Elaboração e execução de projeto de segurança para o Museu de Geociências/UnB</i>						
<i>Interação com representantes das empresas do setor para levantamento de demandas</i>						
<i>Elaboração de projeto CDT/MGeo/LGJ UnB para desenvolvimento das atividades</i>						
<i>Cerimônia de assinatura do Termo de Cooperação</i>						
<i>Transferência do acervo para a UnB</i>						
<i>Abertura da exposição do Museu de Geociências e lançamento do projeto</i>						

Fonte: Proposta para incorporação do Museu de Gemas- Sebrae-DF à Universidade de Brasília, Março de 2010.

A incorporação foi concluída e atualmente alguns itens da coleção integram a exposição de longa duração. Além do acervo de minerais e gemas, há acervo de patrimônio mobiliário e outros itens permanentes que também foram incorporados ao MGeo.

O ato de incorporar é, aparentemente, semelhante ao de colecionar. Para que o museu possa se assumir como entidade singularizadora e sacralizadora, a sua

ação tem de ser claramente distinta da dos colecionadores pagãos²⁰. O museu não coleciona, o museu adquire e incorpora, pois objetos possibilitam que os sujeitos sociais “percebam e experimentem subjetivamente suas posições e identidades como algo tão real e concreto quanto os objetos que os simbolizam” (BERGERON, 2010, p. 25).

A incorporação é um Ato formal de inclusão de um objeto na coleção de um museu. Após sua incorporação, o objeto assume um status que vai além do simples fato de pertencer a uma organização.

Enfim a incorporação de acervos em muitos casos podem gerar algumas ressignificações que resultam em novos sentidos, passando a atuar também, para além dos seus significados sociológicos, como um elo de continuação com um passado anterior de cada objeto. Entretanto, é uma prática social vivenciada no cotidiano dos visitantes de cada museu. Percebemos, portanto, uma ressignificação com este deslocamento, um outro uso social de uma atividade que faz parte da memória local, apropriado com novas intencionalidades, a partir de relações sociais que se expressam através das construções simbólicas dos objetos no espaço museológico.

²⁰ São os colecionadores considerados acumuladores que não organizam suas coleções dentro de uma certa lógica, e não apresentam justificativas, nem motivos e direcionamentos para as suas coleções.

CAPÍTULO 3 - RESSIGNIFICAÇÃO DO PROCESSO DE INCORPORAÇÃO COLEÇÃO DE GEMAS DO MUSEU NACIONAL DE GEMAS (MNG) PARA O MUSEU DE GEOCIÊNCIAS (MGEO-UNB).

Ressignificação é o método utilizado em neurolinguística²¹ para fazer com que pessoas possam atribuir novo significado a acontecimentos através da mudança do significado do objeto. Para compreender as ressignificações pelas quais um acervo passa, devemos levar em consideração os entrelaçamentos que as relações sociais estão envolvidas dentro de um processo de construção do passado por meio de cada objeto que constitui o acervo. Pois, deve-se levar em consideração os interesses do presente que servem como fundamentação teórico-conceitual e como aparato metodológico que são utilizados como princípio para as interpretações dos sujeitos. AZEVEDO (2006).

Quando um objeto é retirado do seu contexto de uso, ele deixa de ser definido pela sua função, e sim por meio do seu novo sentido passando a ser atribuído inteiramente pelos sujeitos que com ele interagem, em particular pelo seu possuidor – o que significa que ele adquire um estatuto estritamente subjetivo. É o significado que o objeto passa a ter para um determinado indivíduo, que leva este último a recolhê-lo ou adquiri-lo, afastando-o do circuito das trocas comerciais, e a guardá-lo, conservá-lo e protegê-lo, tornando-o singular. As razões que levam alguém a obter, preservar e a colecionar objetos são inúmeras, complexas e algumas mesmo insondáveis.

3.1 A ressignificação das fronteiras do acervo de Gemas e Jóias.

Após a transferência de todo o acervo do MNG para o Mgeo-UnB, cada objeto pertencente ao acervo passou por uma ressignificação, no qual seu significado foi ampliado, por meio de uma busca pela permanência do histórico da coleção, e em guardar a memória da cidade a partir do acervo, desde a sua criação, e demonstrar que as memórias individuais e coletivas criadas durante o período em que a coleção

²¹ A Programação Neurolinguística ou simplesmente PNL é uma ciência que estuda como nossas experiências subjetivas afetam nosso comportamento e aprendizagem. Também pode ser entendida como um conjunto de técnicas que ajudam a entender e modificar os processos internos pessoais por meio da identificação dos padrões de linguagem verbal e extraverbal responsáveis pelas nossas reações nos mais diversos contextos.

permaneceu no MNG, possa em seu novo espaço estabelecer uma referência importante para a sua construção e preservação, sendo assim, as memórias dos grupos se referenciam, também, no espaço em que habitam e nas relações que constroem. As relações que se constroem a partir do acervo, transformam-se em um lugar de memória material e imaterial e deixa claro que memória quer preservar. A memória que foi construída por muito tempo no imaginário de toda uma cidade e de seus visitantes, com isso valorizando e privilegiando um passado de realizações, no decorrer de vários anos.

O MNG era é um lugar de memória²² um núcleo significativo, tanto da memória material como imaterial, que se refere a lembranças e as identidades coletivas da cidade de Brasília. Este núcleo se caracterizava por uma forte carga de simbolismo e emoção, tanto para a comunidade brasiliense como também para os turistas, pois os objetos deste museu atuaram no processo de construção de uma auto representação e as variações de significações (selecionadas temporalmente na trajetória do grupo).

Outro aspecto importante destas variações de significações, e que eles estavam arraigado aos costumes sociais do Distrito Federal e se modificava na medida em que mudavam as maneiras de sua concepção, aprovação, uso e tradição. Pois os lugares de memória são estabilizadores da memória coletiva, através de suas atividades (exposição do acervo no museu e avaliação de gemas e jóias no laboratório). Com essas atividades desenvolveu um espaço de relembrar as experiências vividas e a reencontrar o pertencimento, princípio e segredo da identidade.

Quando um museu consegue ser reconhecido por sua comunidade como o legítimo espaço de preservação de sua memória, ela deixa a simples condição de depositos de coisas velhas, inúteis, mortais, como muitos imaginam e proclamam, atingindo então a condição de centro de ressignificação, de recuperação do saber fazer, de preservar a memória de um segmento social.

²² Lugar de memória- para a sociedade brasiliense, para a comunidade produtora de jóias e para os turistas.

É importante ressaltar que o processo de ressignificação da incorporação coleção de gemas do Museu Nacional de Gemas (MNG) para o Museu de Geociências (MGeo-UnB) também contribuiu com o propósito de ampliar a coleção existente, no que se refere ao desenvolvimento de pesquisas sobre o acervo feitos pela comunidade acadêmica, por meio dos projeto de extensão com o auxílio dos docentes e através das parcerias entre o Sebrae-DF com o Instituto de Geociências. Essa parceria que contribuiu para o fortalecimento e o desenvolvimento científico e econômico do setor produtor de jóias e com o mercado de minerais e gemas.

Antes da incorporação o MGeo contava com um rico acervo de minerais e rochas brutas e com a incorporação da coleção do Museu de Gemas passou a contar com um número maior e mais variado de amostras. As pesquisas realizadas pelo MGeo contribuem para a construção das significações dos objetos que possibilitaram o fortalecimento da instituição agregando a ela valores que estão associados ao formação de suas. Outros benefícios para o museu como um todo foram a ampliação de sua área de reserva técnica²³, a ampliação do público e o investimento inicial em segurança que essa incorporação incentivou.

No caso do Museu de Gemas, à época, antes da incorporação o seu público alvo era formado por empresários, turistas e a comunidade produtora de gemas. Ao ser doado para a universidade acreditava-se que o acervo passaria por uma ressignificação e se tornaria alvo de pesquisas. Essa crença se confirmou em 2013.

O gerente administrativo e financeiro do Sebrae, Alexandre Sá, advogava em 2010 que :

O acesso à visitação será ampliado e que a universidade terá competência para desenvolver pesquisas e impulsionar o laboratório gemológico.

Já o superintendente do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE-DF), José Carlos Moreira De Luca, acrescentava na mesma época que:

a soma das gemas da Torre de TV com o acervo da UnB resultará no maior museu de pedras semipreciosas da América Latina.

²³ As 2 Reservas técnicas foram criadas para receber o acervo incorporado ao MGeo, e hoje abrigar todos os objetos que não estão em exposição.

Já as associações recebiam as baixas no número de frequentadores e a restrição do turismo devido à exclusão da universidade da rota de atrações turísticas de Brasília. (SACRAMENTO, Mariana. Correio Brasiliense, 2010).

Em relação a comunidade acadêmica e o público visitante, Chelini destaca que:

“Do ponto de vista da coleção do MGeo e do público visitante, um aspecto importante foi a complementação da coleção existente. O MGeo contava com um rico acervo de minerais e rochas brutas e com a incorporação da coleção do Museu de Gemas passou a contar com amostras lapidadas, por exemplo. Desta forma, o público passou a ter acesso a mais um campo dentro das geociências e a mais uma forma de uso dos minerais e rochas. ” Maria Júlia Estefânia Chelini (questão 10).

O que pode ser observado e acrescentado é que a diversidade de públicos nessa instituição assim como em todas as instituições museais ocasionou um encontro de pluralidades de culturas, pessoas diferentes conforme localização espacial, faixa etária, histórico familiar, bagagem cultural, entretanto é uma Instituição que busca atender a toda demanda, para que ocorra um encontro diferenciado entre o acervo e o público, propiciando assim um maior desenvolvimento cultural. O grande desafio do Mgeo-UnB tem sido motivar o público a fazer suas próprias descobertas a partir de atividades que o convidem a buscar respostas e provoquem sua curiosidade, pois o museu deve praticar uma educação baseada na relação dialógica que possibilite ao visitante uma análise crítica do meio em que se encontra na busca de soluções a seus problemas individuais e coletivos.

As visitas e os trabalhos desenvolvidos dentro do Mgeo- UnB estão se tornando um apoio à prática pedagógica nos diversos níveis de ensino; desde a educação infantil até o ensino superior em sentido interdisciplinar, com todos os seus desafios epistemológicos, políticos e econômicos imprescindível no processo de comunicação e de educação que ocorre nos museus de ciências.

Apesar do Museu de Geociências estar vinculado a uma unidade acadêmica, ele tem como público-alvo não apenas a comunidade do Instituto de Geociências, mas a sociedade como um todo. Assim, escolas e pessoas interessadas em geociências buscam visitar o espaço para um maior conhecimento, proporcionando a divulgação do museu e também das ciências da terra. A interação da comunidade

e a promoção do seu patrimônio fazem parte do papel socioeducativo do museu, uma vez que os acervos refletem a história natural e cultural das comunidades ao seu redor, sendo intrínseca a relação entre museu e educação, destacando-se o uso do acervo preservado pela sociedade. Isso implica em estruturar os espaços físicos para viabilizar a interação da pesquisa científica com a comunidade onde ela se insere.

Para Maria Júlia Estefânia Chelini a ressignificação da coleção após a incorporação em relação público/privado:

que a coleção passou por uma ressignificação conceitual. Antes era apreciada por sua estética e diversidade e passou a ser apreciada também como área das geociências, como possível campo de trabalho e pesquisa. Explorou-se também, nas apresentações públicas e na exposição, questões como porque determinado mineral é considerado gema ou não, porque alguns podem ser lapidados e outros não; questões essas que não eram levantadas pela exposição do Museu de Gemas e se relacionam a noções básicas de mineralogia. Maria Júlia Estefânia Chelini (questão 11).

A ressignificação do Mgeo demonstrou uma construção em sua nova estética visando um afastamento da percepção dos museus do passado, pois não desejam que a informação oferecida em seu espaço expositivo consista em mais um instrumento de opressão e manipulação, um caminho pelo qual a ideologia penetre as suas mensagens e seu modo de pensar e de agir na sociedade.

É importante destacar que este trabalho não deixa de ser preliminar e parcial, pois para que se tenha uma visão mais abrangente dessa realidade seria necessário um maior aprofundamento conceitual, além de investimento técnico.

Segundo o Professor Dermeval Aparecido do Carmo²⁴ no que se refere a comunidade produtora de Joias de Brasília:

²⁴ Bacharel em geologia pela Universidade Federal de Mato Grosso (1990), Mestre em Geociências (1993) e Doutor em Ciências (1998) pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1993). Foi chefe do Departamento de Geologia Geral (1999-2001), coordenador do curso de graduação em geologia (2001 a 2003), vice-diretor do Instituto de Geociências (2010 a 2014). Atualmente é Professor Associado, Presidente da Associação de Amigos do Museu de Geociências, membro do Conselho Superior da FINATEC e Presidente da Comissão Organizadora do 1o. Seminário Internacional de Acervos Científicos. Tem experiência na área de geociências, com ênfase em Paleontologia Estratigráfica, atuando principalmente nos seguintes temas: taxonomia e paleoecologia de ostracodes do Cretáceo Inferior aplicadas à bioestratigrafia e paleoambiente.

Além da participação em projeto de extensão com docentes da área de artes e produção de joias, não houve demanda da comunidade produtora de joias para a realizações de cursos e outras atividades. Neste sentido, de dar suporte ao reconhecimento e caracterização de minerais e gemas, temos disponibilidade para ouvir e atender demandas. Dermeval Aparecido do Carmo (questão 12).

Os acervos em âmbito privado em alguns casos se restringem ao uso comercial, enquanto acervos públicos tendem a democratizar o acesso e a incentivar a pesquisa. Por conseguinte grande parte dos museus públicos nasceram ou se constituíram a partir de uma ou mais coleções particulares doadas ou adquiridas por compra pelo seu órgão administrativo. A coleção de gemas e minerais que perteciam ao MNGem sua maioria foram compradas.

O acervo no MGeo- UnB tem como objetivo assumir um papel condizente com suas competências e sua missão institucional, a fim de promover a interação entre micro empresas, empreendedores do setor de Gemas e Jóias, o Laboratório de Gemas e Jóias e o Museu de Geociências, por meio de projetos cooperativos e ações de extensão, com o objetivo de fortalecer o segmento joalheiro local com produtos de alto valor agregado. A interação permanente com a sociedade, incluindo a captação de novos parceiros para este projeto e de extensão e pesquisa.

O diferencial do Mgeo-UnB é o seu vínculo com uma unidade de ensino universitária. Portanto, além de buscar despertar consciência ambiental e novas vocações, trabalha para estreitar seu vínculo com o público acadêmico pensando não só em formas de apoio as disciplinas de graduação e ao seu estudo, mas a pesquisa e desenvolvimento nessa área do conhecimento. Assim, seu acervo geológico e bibliográfico e disponibilizado para consulta e estudo de profissionais e pesquisadores.

O Instituto de Geoências conta com uma ampla variedade de laboratórios de pesquisas, voltados para as áreas como Mineralogia, Cristografia e Palentologia, para as quais o acervo em questão é muito importante. Com esta preocupação em mente, a Curadoria do Mgeo-UnB buscou desenvolver novos trabalhos de pesquisas e benefícios futuros à sociedade como um todo, envolvendo o setor produtivo de Gemas e Joias, além de atender empreendedores do ramo de negócio.

O Museu de Geociências, enquanto uma instituição museológica faz pesquisas com seu acervo, divulga-o através de exposições tanto em seu local próprio como em feiras e semanas de ciências e museus para a comunidade externa e interna da universidade, preserva e conserva seu acervo.

A ciência hoje não é mais apresentada como algo estático e sim como parte de um processo, como um produto da cultura e resultado de determinado momento histórico e social. Neste sentido, acredito que os museus de ciências têm assumido a função de trazer para a sociedade informações e discussões de temas polêmicos ou de questões que possam ter influência direta no dia a dia da sociedade. Talvez até em resultado aos movimentos na área de educação formal, com a busca/incentivo para aproximação dos temas apresentados em sala de aula do cotidiano do estudante, os museus de ciências venham se alinhando a esta tendência.

Assim, em suas exposições e ações educativas tentarão mostrar as consequências que determinada pesquisa ou tecnologia pode vir a ter na vida do cidadão. Isso porque acreditam que devem contribuir na formação de um cidadão consciente e mais crítico, capaz de se posicionar frente a estes temas.

Outro ponto interessante na incorporação desta coleção é que esta permitiu o desenvolvimento de novas linhas de pesquisa vinculadas a minerologia e gemologia. O desenvolvimento de pesquisas vinculadas ao acervo dá a esta outra dimensão, uma vez que passa também a contribuir com o desenvolvimento científico em prol da sociedade. A transferência do laboratório de gemas e metais preciosos para o CDT-UnB possibilitou a democratização do acesso as análises e certificações de autenticidade das gemas e das joias por outros membros da sociedade estimulando novas produções e criações culturais que permitiram o desenvolvendo de novas pesquisas.

No mais, o material permitiu a formação científica de futuros profissionais em uma área hoje ainda pouco explorada pela Universidade.

O Museu de Geociências foi inicialmente idealizado como um museu didático, objetivando, inicialmente, atender a comunidade estudantil. No entanto, diante da

perspectiva de crescimento da universidade e inserção no ensino, pesquisa e extensão, os objetivos foram ampliados e atualizados.

Grande parte das pesquisas existentes na área de museus engloba, de uma maneira ou de outra a relação museu/escola, contribuindo para a ressignificação do entendimento e a conformação das potencialidades didáticas da instituição museal no que se refere a esse público.

Podemos, ainda, realizar essa análise pelo ponto de vista do aprendiz. Dessa forma, um museu, por exemplo, poderia ser nomeado como um espaço de educação não formal quando o pensamos como instituição, com um projeto de alguma forma estruturado e com um determinado conteúdo programático. Mas, ao pensarmos sob o olhar do público, poderíamos considerá-lo como educação formal, quando alunos o visitam com uma atividade totalmente estruturada por sua escola, buscando aprofundamento em um determinado conteúdo conceitual (ou, como muitos professores dizem, tentando “ver na prática o que têm em teoria na sala de aula”).

Um dos pontos fortes do Mgeo- UnB é a mediação, uma forma de interação do público com a exposição, onde um estagiário explica aos visitantes a exposição respondendo suas indagações e dúvidas. E essas mediações são um dos diferenciais do Museu de Geociências em relação ao museu anterior.

Porém alguns aspectos prejudicam o desenvolvimento do Mgeo e sua ressignificação, tais como:

- Falta de um profissional em Museologia prejudica a forma de acondicionamentos e de conservação das peças do acervo.
- O Mgeo-UnB não possui uma base de dados adequados para acervos museológicos, o acervo é registrado em tabelas do programa do Excel. Essa falta de adequação pode acarretar em perda de informações e comprometer o desempenho dos docentes, responsáveis, seus estagiários e monitores que têm o interesse de continuar a dar o devido suporte a esse espaço e a comunidades acadêmica e geral.

- A instituição não possui política de aquisição e descarte. Em consequência disso, o museu acumulou ao longo dos anos de forma compulsória muitas peças em suas reservas técnicas.

Com a função das instituições de ensino é formar cidadãos críticos, surge a necessidade de “parcerias com outras instituições e espaços. O Mgeo- Unb por sua vez, conta com o apoio da associação de Amigos do Museu, composta pelos professores do Instituto de Geociências, pois o museu não possui patrocínio externo à Universidade. Os professores do Instituto de Geociências voluntariamente ajudam na realização algumas dessas atividades.

No âmbito da Museologia, a ressignificação do acervo da coleção gemas ocorreu desde o momento da aquisição de cada objeto do acervo pelo Mgeo- Unb até a comunicação do mesmo ao público.

Em síntese, podemos compreender o processo de ressignificação, como uma série de atividades sobre os objetos, que vão da sua apropriação até sua exposição por parte de um museu, o que de certa forma vem a dar um melhor suporte tanto para o patrimônio como para a memória, e ao mesmo tempo, a qualificação dos procedimentos técnicos das ações museológicas que são desenvolvidas e aplicadas nas áreas de documentação, pesquisa, conservação e comunicação.

A ressignificação da incorporação da coleção de gemas e minerais tem seus desdobramentos por meio das representações provocadas pela forma de compreender, interpretar e apreciar a consciência, a construção e reconstrução de concepções sobre o mundo a partir de cada objeto do acervo.

O olhar da comunidade se deslocou, por meio do acompanhamento do deslocamento de sentidos que os objetos passaram a ter após a incorporação do acervo ao Mgeo, cujo o acervo ampliou a análise e percepção da maneira como ocorrem os processos de (re)significação dos objetos, na construção de memórias no espaço museológico. Desta maneira, fazer uma história social da memória é ponderar sobre a historicidade que estabelecem os museus, sejam eles “oficiais” ou não, é interpretar o processo, no que diz respeito as relações entre lembrança e esquecimento.

Os museus, enquanto 'lugares de memória' constituem-se, eminentemente, em espaços políticos de construção de sentidos sobre o passado. A pesquisa sobre acervos museológicos nos possibilita, a partir das discussões sobre a construção social da memória, a incorporação de novos sentidos e significados aos objetos para além daqueles cristalizados pelas coleções, a ressignificação dos objetos torna-se essencial para a legitimação dos sentidos do passado a serem construídos e aceitos socialmente.

Podemos entender que a memória se torna significativa a medida que novos conceitos são incorporados as estruturas de conhecimento de um visitante e adquire significado a partir da relação do conhecimento prévio, ou seja, que fazem parte de suas estruturas mentais.

A Coleção de gemas é ainda, integrante e componente de processos sociais e também institucionais, usados para difusão e questionamentos, realizados através da ressignificação, apropriações e debates.

A ressignificação é um processo ativo e contínuo, cuja origem se dá antes mesmo do contato entre a instituição e determinado objeto. Ela começa movida pelo desejo do ter, o é também pelo anseio à eternidade, numa luta contra o esquecimento. Igualmente é uma instituição que funda o espaço de um eu - individual e coletivo - também almejando uma permanência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No mundo, desde seus primórdios até o contemporâneo, ocorreram grandes transformações como a globalização e os avanços tecnológicos que englobam cada vez mais diferentes grupos de pessoas. Com isso a sociedade “exige novidades”, e tratando-se de museu que tem como principal objetivo a preservação e guarda, ou seja, a musealização de objetos que são retirados de seu contexto original, não tendo mais sua funcionalidade prática, a partir desse momento passa a ser considerada a estética e as informações trazidas por este objeto no que se refere à documentalidade, necessitam assim ser preservados e expostos de forma que comuniquem sua autenticidade. É nesse momento que esse objeto passa a fazer parte de um acervo, no qual fará parte de uma instituição Museal, passando a ser um dos principais veículos de comunicação.

O objeto, isolado de suas funções originais, ao longo de uma trajetória espacial e temporal, foi retirado de circulação da produção e, submetido ao olhar do avaliador, do colecionador; passa para um estágio de (re)significação.

A extensão é importante às universidades, pois através dela pode-se divulgar a ciência e criar vínculos com as comunidades internas e externas à universidade. Com a extensão os museus ganham espaços para terem suas pesquisas e exposições constituídas e talvez com o tempo tornar os museus autônomos de seus institutos. Museus e universidades são instituições complementares, um necessita do outra para existirem, isso podemos perceber desde suas origens na Alexandria e depois nos séculos XVIII e XIX.

Além das finalidades básicas de adquirir, conservar e expor os museus também devem ser centros de pesquisa, devendo ser esta, uma das premissas básicas de toda instituição museológica. Tanto o estímulo como o exercício do ato de se pesquisar o acervo de um museu, são de suma importância para uma instituição museológica, já que assim favorece suas constantes atualizações, como também, seu próprio auto conhecimento.

As coleções, usadas de modo privado ou coletivo, são reconhecidas como maneira de trazer novas abordagens e perspectivas sobre nossas relações. No início

do século XIX, os museus são vistos e conhecidos como um lugar que tem a função de construtor do saber, um espaço para essa fruição.

A institucionalização da coleção serve para que, além das significações outorgadas pelo colecionador, outras novas possam ainda ser criadas. De maneira estreita com o seu semelhante, isto é, com “afinidades” sgnicas com um outro objeto de uma mesma coleção, compõe uma narrativa própria de uma maneira de ver o mundo a partir do entusiasmo do desenvolvimento.

Aqueles que ainda vêem o museu sob uma perspectiva tradicional, entendendo-o apenas como um depósito de coisas velhas e sem utilidade, jamais entenderão a complexidade de um lugar como esse que, muito mais do que um depositário de coisas antigas, é um sistema simbólico que atua como mediador na relação homem/mundo e que, através de objetos, fotos e palavras, constitui-se num sistema de comunicação capaz de compor um discurso museológico.

A aquisição de objetos ainda perpassa questões de identidade social, visto que determina o que deve ou não ser preservado e mantido como herança de um povo ou comunidade.

O museu mantém coleções e as expõe a um público, sendo que os objetos museais, com procedências variadas e tipologias múltiplas, podem constituir uma fonte de pesquisa, de informação e disseminação de conhecimento e memória. Dessa forma, o museu possibilita uma aproximação do sujeito com o objeto.

A interação entre o sujeito e a informação é possibilitadora de ressignificação do conhecimento e a atribuição de sentido às peças constitui valor ao museu, além de promover e preservar o patrimônio e reforçar identidades socioculturais.

É importante ressaltar ainda que as políticas de desenvolvimento de coleções precisam ser revisadas e atualizadas constantemente, para que possam acompanhar as possíveis mudanças (institucionais, da comunidade, dos objetivos...) e se adaptar a elas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Cícero Antônio Fonseca de. O Coleccionismo Ilustrado na Gênese dos Museus Contemporâneos. In: Anais do Museu Histórico Nacional, vol. 33, Rio de Janeiro, 2001.

ANDRADE, Diva; VERGUEIRO, Waldomiro. Aquisição de materiais de informação. Brasília: Briquet de Lemos/ Livros, 1996.

AZEVEDO, Regina Maria. Programação Neurolinguística: Transformação e Persuasão no Metamodelo. São Paulo, 2006, p.187. USP.

BANDEIRA de MELLO, C.A. Prestação de serviços públicos e administração indireta. In Revista dos Tribunais (São Paulo), 1975.

BENJAMIN, W. Obra das passagens, 1927-40, trechos selecionados. In: SCHOLZ, L.A. Noite do colecionar. Bonn: Inter- Nacionales, 1999.

BITTENCOURT, José Neves. Sobre uma política de aquisição para o futuro. Cadernos Museológicos, n.3, p. 29-37, out. 1990.

BLOM, Philipp. Ter e Manter. Uma história íntima de colecionadores e coleções. Editora Record. Rio de Janeiro. 2003.

BOTTALLO, Marilúcia. Diretrizes em documentação museológica. In: Documentação e conservação de acervos museológicos – Diretrizes. Brodowski: Associação Cultural de Amigos do Museu Casa de Portinari. São Paulo: Secretaria de Estado da Cultura de São Paulo, 2010.

BRAGANÇA GIL, Fernando. Museus de ciência: preparação do futuro, memória do passado. Revista de Cultura Científica, Lisboa, n. 3, p. 72-89, out., 1988.

BRASIL. Código Civil. 53. ed. São Paulo: Saraiva, 2002.

BRASIL. Lei 11.904, de 14 de janeiro de 2009. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2009/Lei/L11904.htm. Acesso em 20 de maio de 2014.

BRASIL.SECRETÁRIA DE ESTADO DOS NEGÓCIOS DO IMPÉRIO. Ofício da Secretaria de Estado dos Negócios do Império comunicando ao diretor do Museu Nacional que foi nomeado por decreto do mês de agosto do corrente ano o Dr. Manoel Freire Allemão, Diretor da Seção de Botânica, Agricultura e Artes Mecânicas, 24 de agosto de 1861. Rio de Janeiro: s.n., 1861. (MN-Arq.)

BUICAN, Denis. Historia de la biología herencia-evolución. Madrid: Acento Editorial, 1997.

CAMARGO-MORO, Fernanda de. Museu: aquisição-documentação. São Paulo: Livraria Eça, c1986. p.309 .

CONSELHO INTERNACIONAL DE MUSEUS. Código de ética para museus - ICOM. 2004. Disponível em: <http://www.icom.org.br/codigo_etica_port.pdf>. Acesso em: 23 Abril. 2017.

COSTA, Evanise Pascoa (Org.). Principios básicos da museologia. Curitiba: Coordenação do Sistema Estadual de Museus/ Secretaria de Estado da Cultura, 2006.

DINIZ, Maria Helena. Curso de Direito Civil Brasileiro, v. 6: Direito das Sucessões. 24ª Ed. São Paulo: Saraiva, 2010.

DOURADO, Luiz Fernandes. A interiorização da educação superior e a

ESTEVÃO, C.A.V. Redescobrir a escola privada portuguesa como organização Braga (Portugal): UMINHO, 1998.

FERREZ, Helena Dodd. Documentação museológica: teoria para uma boa prática. In: Caderno de ensaios: estudos de museologia. Rio de Janeiro, nº 2, Minc/Iphan, 1994.

FORTY, A. Objetos de desejo: design e sociedade desde 1750. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

Garcia, Alexandre de Araújo. Estudo de mercado dos setores de gemas, jóias, bijuterias e correlatos/Alexandre de Araújo Garcia, Carlos André Almeida Machado, Patrícia Albuquerque Lima. -- Brasília: SEBRAE / DF, 2005. p.72.

GIRAUDY, Danièle. BOUILHET, Henri. O museu e a vida. Porto Alegre: IEL, 1990.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. Antropologia dos objetos: Coleções, Museus, GROSSMANN, Martin; RAFFAINI, Patrícia T.; TEIXEIRA COELHO. Museu. 3 ed. São Paulo : FAPESP; Iluminuras, 2004. p. 269-274.

GUARNIERI, W. R. C. Conceito de cultura e sua inter-relação com o patrimônio cultural e a preservação. Cadernos Museológicos, v. 3, p. 7-12, 1990.

<http://www.correiobrasiliense.com.br/app/noticia/cidades/2010/10/26/internacidadesdf,219925/museu-nacional-de-gemas-pode-ter-que-sair-da-torre-detv.shtml>. Acessado em 15/11/2016.

<http://www.iesp.edu.br/newsite/assets/2012/11/52.pdf>>. Acesso em: 27/06/2017.

<http://www.museus.gov.br/fomento/>. Acessado em 20/04/2017.

<http://www.ufrgs.br/patrimoniogenetico/conceitos-e-definicoes/fiel-depositario>.Acessado em 18/04/2017.

JULIÃO, L. A pesquisa histórica no museu. In: CADERNO de Diretrizes Museológicas I. 2ª edição. Brasília: Ministério da Cultura; Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional; Departamento de Museus e Centros Culturais, Belo Horizonte: Secretaria de Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio – PPG-PMUS Unirio | MAST 55 estado da Cultura; Superintendência de Museus, 2006, p. 93-105.

JULIÃO, L. Apontamentos sobre a história do museu. Caderno de Diretrizes Museológicas. Brasília, IPHAN, 2002.

KURY Lorelay. B.; CAMENIETZKI, Carlos Z. Ordem e natureza: coleções e cultura científica na Europa moderna. Anais Museu Histórico Nacional, Rio de Janeiro, v. 29, p. 57-85,1997.

LADKIN, Nicola. Gestão do Acervo. In: CONSELHO INTERNACIONAL DE MUSEUS. Como gerir um museu: manual prático. França: ICOM, 2004. p. 17-32. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0018/001847/184713por.pdf>>. Acesso em: 23 jun. 2012.

LERSCH, Teresa Morales; OCAMPO, Cuauhtémoc Camarena. O conceito de museu comunitário: história vivida ou memória para transformar a história? Kansas City: Conferencia Nacional de la Asociación Nacional de Artes y Cultura Latinas, 2004. (Tradução:OMPriosti–Maiode2008). Acesso em 20 jun. 2010.

LOPES, Maria. M. O Brasil descobre a pesquisa científica: os museus e as ciências naturais no século XIX. São Paulo: Hucitec, 1997.

LOUREIRO, J. M. M.; Loureiro, M. L. N. M. Museus e divulgação científica: singularidades da transferência da informação científica em ambiente museológico In:_____. VII CIFORM - Encontro Nacional de Ensino e Pesquisa da Informação. Salvador, BA. 2007.

LOURENÇO, Maria Cecília França. Museus acolhem moderno. São Paulo: EDUSP, p.1999. 293 .

LUZ, José Carlos Ferreira da. Contrato de Doação. Material didático da disciplina de Direito Civil. Paraíba, 2014.

MARQUES, Roberta Smania; DA SILVA, Rejâne Maria Lira. O Reflexo das políticas universitárias na imagem dos museus universitários: o caso dos museus da UFBA. Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio–PPG-PMUS Unirio| MAST-vol, v. 4, n. 1-2011, p. 63, 2011.

NORA, Pierre. Entre história e memória. A problemática dos lugares. Projeto História, São Paulo: PUC, vol.10, n. 10, p. 7-28, dez/1993.

Patrimônios. Rio de Janeiro: 2007 (Coleção Museu, Memória e Cidadania).

POMIAN, Krzysztof. Coleção. In enciclopédia Einaud. Vol 1- Memória História, 1997, imprensa nacional – casa da moeda.

ANEXOS

**ANÁLISE DO PROCESSO DE DOAÇÃO DA COLEÇÃO DE GEMAS E JÓIAS
PARA O MUSEU DE GEOCIÊNCIAS (MGeo-UnB) E SUA RESSIGNIFICAÇÃO
(2006 – 2016)**

Nome do entrevistado: Prof. Dermeval Aparecido do Carmo (MGeo)

Data: 10/04/2017

ROTEIRO DE ENTREVISTA

- 1. Qual era o seu vínculo com o museu de Geociências (MGeo-UnB) durante o processo de doação da coleção?**

R: O processo teve início da gestão do Prof. Paulo Roberto Meneses (2006-2009) na diretoria do Instituto de Geociências, quando SEBRAE procurou o Museu de Geociências para consultar sobre nossa disponibilidade em receber a Coleção de Gemas e outros itens do Museu da Torre de TV. Nesta ocasião, o Prof. Detlef H. G. Walde era o chefe e eu era o vice-chefe do MGeo), e a profa Maria Julia E. Chelini a coordenadora de exposições do MGeo.

Posteriormente, na gestão do Prof. Detlef H. G. Walde na diretoria do Instituto de Geociências (2010-2014) houve a conclusão da incorporação da coleção para o Museu de Geociências. Nesta ocasião, porém, o MGeo estava desmontado por causa da reforma. A reinauguração da primeira mostra da coleção de gemas no MGeo porém veio a acontecer em abril de 2013, quando com Prof. Bernhard M. Bühn na chefia e Prof. Marcelo P. Rocha na vice-chefia do MGeo e a profa Maria Julia E. Chelini a coordenadora de exposições do MGeo.

- 2. Como e quando a UnB e o MGeo receberam a proposta de transferência da coleção de Gemas e Joias do Museu da Torre de Tv ?**

R: Não tenho certeza, mas creio que foi em 2008 (gestão do Prof. Paulo Roberto Meneses - 2006-2009 – na diretoria do IG/UnB).

- 3. Como foi o processo de doação da coleção de Gemas e Minerais do Museu da Torre de TV para o Museu de Geociências (MGeo- UnB)?**

R: Demorou vários anos até se concretizar, pois além da burocracia, as dependências do MGeo precisaram ser ampliadas para receber a coleção.

4- Quais foram os acordos que possibilitaram a transição da coleção? Que documentos foram gerados?

Documentos:

1. Inventário Patrimonial (2011),
2. Proposta de Incorporação do Museu de Gemas – SEBRAE – ao Museu de Geociências da UnB (2010),
3. Carta SEBRAE ao Membro do Conselho Superior tratando questões a respeito da incorporação do Museu de Gemas ao Museu de Geociências da UnB (2010)
4. Parecer técnico aprovando a incorporação (2010),
5. Parecer técnico do SEBRAE aprovando a incorporação (2010)
6. Documento diversos da ABRAGEM (Associação Brasileira de Pequenos e Médios Produtores de Gemas, Joias e Similares, Mineradores e Garimpeiros
7. Inúmeros outros DOCs que estão escaneados e que foram compartilhados para contribuir com a realização do seu TCC.

6- Quais foram os principais desafios enfrentados durante o processo de doação da coleção?

R: O primeiro desafio era concluir as obras de reforma da área do piso térreo do Instituto de Geociências, pois era necessário para concluir o processo de incorporação do Museu de Gemas e, promover a exposição do acervo incorporado.

7- Como os gestores de ambas as instituições se posicionaram diante da tentativa do Sebrae de impedir a transição da coleção para o Museu de Geociências (Mgeo- UnB)?

R: Nunca houve tentativa do SEBRAE impedir a incorporação. Muito pelo contrário, a ideia de incorporação pelo MGeo foi de iniciativa do SEBRAE.

8- A vinda da Coleção para a UnB ocorreu por meio de uma transferência ou uma doação?

R: O nome técnico utilizado nos diversos documentos é INCORPORAÇÃO.

9- O Museu de Geociências (Mgeo- UnB) estava preparado para receber essa coleção?

R: Não estava preparado de imediato, mas, com o planejamento adequado e muito apoio da diretoria do IG e da reitoria da UnB, foi possível realizar a aquisição da coleção.

10- Quais foram os benefícios que essa doação trouxe para o museus e seu público?

R: Diversos benefícios foram atingidos:

1. Ampliação da mostra de minerais e gemas na exposição de longa duração
2. Planejamento, montagem e inauguração de novas exposições de longa duração.
3. Melhorar a qualidade do material exposto, bem como das vitrines de exposição
4. Atrair mais visitantes (visitas agendadas por escolas e visitantes autônomos), etc.

11- Essa coleção passou por alguma ressignificação em sua relação público/ privado após a doação?

R: Sim, como patrimônio público, aberto à visitação gratuita para todos os interessados.

12- Houve integração da comunidade produtora de joias de Brasília ao Museu após a doação? Esta comunidade teve/tem acesso aos laboratórios que vieram com a coleção?

R: Além da participação em projeto de extensão com docentes da área de artes e produção de joias, não houve demanda da comunidade produtora de joias para a realizações de cursos e outras atividades. Neste sentido, de dar suporte ao reconhecimento e caracterização de minerais e gemas, temos disponibilidade para ouvir e atender demandas.

13- Houve a ampliação e complementação da comunidade científica através das chegadas das amostras ao Museu?

R: A comunidade acadêmica tem contribuído para ampliar, como sempre fez. Mas particularmente, com definição da política de aquisição do MGeo, lembramos que é necessária a observação da mesma.

14- O Mgeo-UnB tem políticas de aquisição e descarte? Se sim, como elas funcionam?

R: Sim. Trata-se de um documento elaborado e aprovado pelas coordenações do MGeo.

15- Essas políticas foram aplicadas nesse processo?

R: Sim, na medida do possível pois, o tombamento ainda está em andamento.

16- Em algum momento o Mgeo ou a UnB cogitaram a possibilidade de não ser possível receber e abrigar essa coleção?

R: Não.

17- O Mgeo-UnB passou por alguma reestruturação administrativa após a chegada dessa coleção?

R: Sim, o MGeo tornou-se um CENTRO durante a gestão do Prof. D. H. G. Walde (2010-2014). Esta mudança da estratégia administrativa do MGeo, tornando o mesmo um centro ligado à unidade acadêmica acabou por atrair um número maior de docentes para atuar junto ao Museu de Geociências. Com um número maior de docentes foi possível realizar a reinauguração, montagem de sala de estudos, organização da biblioteca do museu, bem como os inúmeros trabalhos de curadoria. Posteriormente, na gestão da Profa Marcia Abrahão Moura (2014-2016), o MGeo perdeu o status de centro ligado a unidade administrativa, porém a chefia do mesmo manteve acento no Conselho do Instituto de Geociências, vale salientar que esta prerrogativa está prevista na estrutura administrativa da UnB para as chefias de centro.

18- Por quantas peças era formado o acervo que foi doado?

R: Não tenho esta informação em mãos no momento. Talvez seja oportuno lembrar do falecimento do prof. Bernhard M. Bühn, que entrou na UTI bruscamente em outubro de 2016 e veio a falecer em fevereiro de 2017. O saudoso colega, era o chefe do MGeo, e foi quem concluiu a incorporação do Museu de Gemas ao MGeo, bem como esteve à frente da reinauguração do MGeo em 2013 ao lado da coordenadora de exposições, Profa. Maria Julia E. Chelini.

19- Quais são os investimentos (financeiro, material e humano) que o Mgeo-UnB dispõe no presente para fazer a manutenção da coleção?

R: A UnB tem mantido o MGeo com docentes que atuam junto ao mesmo, bem como com dois técnicos e bolsistas FUB que atuam nas atividades do museu. Pequenas aquisições são realizadas com verbas da unidade acadêmica, bem como pequenas reformas realizadas pela PRC. Adicionalmente, projetos de extensão com fomento do CNPq e outros via Associação de Amigos do Museu de Geociências têm em conjunto colaborado para a manutenção do Mgeo

20- Qual a atual situação da coleção e de seu processo de doação?

R: A incorporação foi concluída e, atualmente, além da manutenção de itens na exposição de longa duração, há o processo de tombamento de itens na coleção do MGeo. Além do acervo de minerais e gemas, há acervo de patrimônio mobiliário e outros itens permanentes que foram incorporados ao MGeo.

**ANÁLISE DO PROCESSO DE DOAÇÃO DA COLEÇÃO DE GEMAS E
JÓIAS PARA O MUSEU DE GEOCIÊNCIAS (MGeo-UnB) E SUA
RESSIGNIFICAÇÃO
(2006 – 2016)**

**Nome do entrevistado: do: Maria Júlia Estefânia Chelini
Data: 13 / 04 / 2017**

ROTEIRO DE ENTREVISTA

1- Qual era o seu vínculo com o Museu de Geociências (MGeo-UnB) durante o processo de doação da coleção?

R: Na ocasião eu era Coordenadora de Extensão do MGeo

2- Como e quando a UnB e o Mgeo receberam a proposta de transferência da coleção de Gemas e Joias do Museu da Torre de Tv ?

R: Em outubro de 2009 o MGeo foi contatado pela primeira vez, através do Laboratório de Gemas e Jóias/Depto de Desenho Industrial/IdA (LGJ), pela diretoria do Sebrae-DF. Na reunião resultante deste contato, a diretoria do Sebrae consultou MGeo sobre o interesse em incorporar a seu acervo a coleção do Museu de Gemas, também conhecido como Museu da Torre de TV.

3- Como foi o processo de doação da coleção de Gemas e Joias do Museu da Torre de TV para Museu de Geociências (MGeo-UnB) ?

R: Foi um longo processo... Isso porque foram necessárias algumas negociações para alinhar os desejos de todos os envolvidos e também por que algumas etapas se faziam necessárias. Uma destas etapas, por exemplo, foi a valoração da coleção. Foi necessária a contratação de 2 especialista (gemólogos) de confiança, que vieram de outros estados, para avaliar e valorar toda a coleção e os equipamentos que seriam transferidos.

4-Quais foram os acordos que possibilitaram a transição da coleção ?

R: As demandas por parte do Sebrae eram que o acesso a coleção continuasse livre e que MGeo e LGJ pensassem em cursos de extensão tanto para leigos e como para a comunidade que trabalha com gemas, sobre temas correlatos às coleções. A ideia era tb que o CDT se envolvesse (ele se envolveu nas negociações) e pensasse em alguma estratégia para que a Universidade pudesse estimular o setor joalheiro no DF.

5- Que documentos foram gerados?

R: Creio que podemos falar de 3 documentos: 1. A proposta conjunta feita pelos interessados, com os termos e condições para doação, que foi apresentada ao Conselho do Sebrae e a Reitoria da UnB; 2. O relatório/inventário com valoração do material (acervo + equipamentos + livros) a serem transferidos do Sebrae para a Universidade; 3. O termo de doação em si (eu acho que no final não foi uma doação, foi algo como um comodato por X anos, seguido de doação, mas você terá de verificar...).

6-Quais foram os principais desafios enfrentados durante o processo de doação da coleção?

R: Aqui eu diria que enfrentamos 4 grandes desafios: 1º foi a disputa com o setor joalheiro do DF (não lembro o nome exato da instituição) que se dizia dona da coleção e que conseguiu inclusive proibir o acesso do próprio Sebrae e da equipe do MGeo ao Museu de Gemas por mais de 6 meses. Ao cabo do processo a coleção foi reconhecida como de propriedade do Sebrae e sua transferência para a Universidade autorizada pelo Juiz. O 2º foi o alinhamento dos desejos de todos os envolvidos. Posso citar, em relação a isso, por exemplo, a compreensão, por parte da instituição doadora de que a coleção passaria por uma ressignificação para se alinhar a missão da instituição receptora. Foi importante deixar claro que não era uma simples transferência da exposição montada no Museu da Torre para o MGeo e sim uma transferência da coleção, que passaria a ser parte de uma outra proposta. O 3º desafio acho que foi o trabalho direto com o material. A equipe do MGeo não contava com especialistas na área de gemologia para efetuar a valoração necessária, por exemplo. Além disso, a embalagem e transporte do material tiveram de ser feitos pela própria equipe do MGeo, a acomodação desta coleção dentro do

MGeo tb teve de ser muito pensada já que o material dobrava a coleção original. Neste sentido veio o obstáculo 4: as acomodações e principalmente a segurança da coleção no MGeo. Embora não tivesse nenhuma peça de grande valor, a coleção de gemas, por sua estética e até por seu nome, tem um carisma, desperta um imaginário relativo à riqueza e luxo, que pode chamar a atenção de eventuais ladrões... (vou falar mais disso na pergunta 9)

7- Como os gestores de ambas as instituições se posicionaram diante da tentativa do SEBRAE de impedir a transição da coleção para o Museu de Geociências (MGeo -UnB)?

R: Não foi o SEBRAE que tentou impedir esta transição e sim o setor joalheiro do DF. Sebrae e UnB se uniram para defender a transferência.

8- A vinda da coleção para a UnB ocorreu por meio de uma transferência ou uma doação?

R: Não sei responder essa pergunta com segurança. Pelo que me lembro, a coleção foi cedida em empréstimo/comodato por um período X anos e se, passado este tempo estivesse tudo Ok, seria automaticamente doada a UnB.

9- O Museu de Geociências (MGeo-UnB) estava preparado pronto para receber essa coleção?

R: Eu considero que não totalmente. Estava pronto no que tange a compreensão deste acervo dentro da temática das Geociências, se preparou para ter acomodações adequadas a sua recepção inicial e para garantir sua segurança em reserva técnica. No entanto, uma das exigências dos envolvidos foi de que a coleção deveria ser exposta (ou pelo menos parte dela) e, pouco tempo depois de aberta a exposição comemorativa uma peça, de pequeno valor, foi furtada. Um dos aspectos positivos deste furto (que repito foi de pequeno valor tanto financeiro quanto científico) foi que o IG decidiu investir em segurança e financiou a instalação de um sistema de câmeras. Esse foi um importante passo inicial na reflexão e implementação do projeto de segurança necessário.

10- Quais foram os benefícios que essa doação trouxe para o museu e seu público?

R: Do ponto de vista da coleção do MGeo e do público visitante, um aspecto importante foi a complementação da coleção existente. O MGeo contava com um rico acervo de minerais e rochas brutas e com a incorporação da coleção do Museu de Gemas passou a contar com amostras lapidadas, por exemplo. Desta forma, o público passou a ter acesso a mais um campo dentro das geociências e a mais uma forma de uso dos minerais e rochas. Outros benefícios para o museu como um todo foram a ampliação de sua área de reserva técnica e o investimento inicial em segurança que essa incorporação incentivou.

11- Essa coleção passou por alguma ressignificação em sua relação público/privado após a doação ?

R: Não tenho certeza de entender o que você quer dizer com essa questão do público/privado na ressignificação da coleção. O que posso afirmar é que a coleção passou por uma ressignificação conceitual. Antes era apreciada por sua estética e diversidade e passou a ser apreciada tb como área das geociências, como possível campo de trabalho e pesquisa. Explorou-se tb, nas apresentações públicas e na exposição, questões como pq determinado mineral é considerado gema ou não, pq alguns podem ser lapidados e outros não; questões essas que não eram levantadas pela exposição do Museu de Gemas e se relacionam a noções básicas de mineralogia.

12- Houve integração da comunidade produtora de joias de Brasília ao museu após a doação ? Esta comunidade teve/tem acesso aos laboratórios que vieram com a coleção?

O acesso ao museu é público e o acesso a coleção pode ser solicitado por qualquer interessado, mas essa integração não foi ativamente incentivada pelo MGeo. Já o laboratório ficou sob guarda do LGJ/IdA e eles sim buscaram e acreditam que ainda buscam trabalhar ativamente com a comunidade produtora de joias e semi-joias do DF e entorno.

13- Houve a ampliação e complementação da comunidade científica através das chegada das amostras ao museu ?

R: Não. Até onde percebia, a contratação de novos docentes era pensada (não posso dizer como está depois de minha saída do MGeo) para o IG como um todo, priorizando as necessidades de ensino.

14- Como você avalia a transferência deste acervo pela perspectiva da coleção? Foi melhor ou pior para a conservação e acessibilidade (pesquisadores, público e a comunidade joalheira de Brasília) a mesma?

R: Como eu disse antes, eu acho que do ponto de vista conceitual foi bem bacana pois o MGeo passou a ter amostras de mais tipologias. Do ponto de vista da conservação acho que no geral foi positivo tb. Isso pq a conservação de minerais em rocha é algo ainda muito pouco discutido e feito no Brasil e no MGeo ela estava sendo pensada e trabalhada no MGeo, sendo inclusive objeto de pesquisas de PIBlc. Há, por exemplo, amostras de ametista que vieram do Museu de Gemas que ficavam expostas em área ensolarada e perderam totalmente a cor. Do ponto de vista da acessibilidade... Difícil decidir. O Museu de gemas ficava em um ponto central, turístico, de grande visitação então é possível que a coleção fosse mais visitada pelo público em geral lá do que no MGeo. Por outro lado, o MGeo tem um trabalho de atendimento a escolas e a coleção tb tem sido utilizada em aulas práticas do próprio instituto então, nesse sentido houve uma expansão do acesso à coleção.